

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Formação Continuada: O que pensa a Rede  
Municipal de São Gonçalo e os seus  
professores, participantes ativos desse processo.

ELLEN CRISTINA BABO BAHIA

SÃO GONÇALO  
2009

Ellen Cristina Babo Bahia

Formação Continuada: O que pensa a Rede Municipal de São  
Gonçalo e os seus professores, participantes ativos desse  
processo.

Monografia apresentada como  
requisito parcial para obtenção  
do título Graduada, ao  
programa de Graduação em  
Pedagogia da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo  
2009

Ellen Cristina Babo Bahia

Formação Continuada: O que pensa a Rede Municipal de São Gonçalo e os seus professores, participantes ativos desse processo

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título Graduada, ao programa de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

---

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)  
Departamento de Educação da UERJ FFP

---

Ruth Ramiro (Parecerista)  
Departamento de Educação da UERJ FFP

São Gonçalo  
2009

Dedico este trabalho a toda a minha família, que esteve sempre presente me apoiando em todo o meu percurso escolar.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, sem ele nada disso seria possível.

À toda a minha família, que sempre me apoiou, por todo esse tempo, não me deixando desistir no meio do caminho.

À minha mãe e minha tia Selma, por serem as atrizes principais desse trabalho.

À minha prima Aline, que me ajudou e muito na finalização desta pesquisa.

Ao Carlos Eduardo, por participar dessa fase da minha vida, estando ao meu lado sempre que preciso.

À Jacqueline Moraes, orientadora desta monografia, por acreditar em mim, e me ajudar nesta pesquisa.

As minhas companheiras de sala, por estar sempre comigo, nos momentos de dificuldades e de alegrias.

Aos professores da UERJ FFP que passaram pela minha jornada acadêmica, acrescentando e muito à minha formação.

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática

Paulo Freire

## **RESUMO**

Este presente trabalho tem como intuito discutir sobre a importância da formação continuada, procurando saber de que modo ela pode ajudar na educação oferecida aos educandos. No primeiro momento discutiremos a respeito da visão histórica da formação continuada, para que, assim, possamos entender como a formação continuada é vista hoje em dia. No segundo momento, trago a história de uma instituição, o Centro de Referência em Formação Continuada, o CREFCON, criada pelo município de São Gonçalo com a finalidade de oferecer a formação continuada aos profissionais da educação. A partir da criação desta instituição, vemos como o município de São Gonçalo pensa e organiza a formação continuada dos seus professores. Usei a entrevista metodologia para coleta de dados. Entrevistei algumas pessoas envolvidas na implementação desta instituição, os professores que já fizeram algum curso oferecido pelo CREFCON, um representante do SEPE de São Gonçalo e um porta voz da Secretaria de Educação. Com esta pesquisa percebemos o quanto é importante a formação continuada para o professor.

Palavras – chaves: Formação continuada. Conceitos de formação. CREFCON.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 FORMAÇÃO CONTINUADA E A SUA CONCEITUAÇÃO</b>	<b>24</b>
<b>1.1 Formação inicial</b>	<b>27</b>
<b>1.2 Formação em serviço</b>	<b>29</b>
<b>1.3 Outros conceitos</b>	<b>31</b>
<b>2 A ORIGEM DO CREFCON</b>	<b>37</b>
<b>2.1 CREFCON na internet</b>	<b>37</b>
<b>2.2 Os sujeitos entrevistados</b>	<b>39</b>
<b>2.3 Localização do CREFCON</b>	<b>42</b>
<b>2.4 Origem do CREFCON através dos sujeitos entrevistados</b>	<b>44</b>
<b>2.5 Formação dos professores do CREFCON</b>	<b>51</b>
<b>2.6 E os cursos, como são pensados?</b>	<b>52</b>
<b>2.7 E os professores, porque os escolhem?</b>	<b>56</b>
<b>2.8 Os cursos oferecidos desde a sua inauguração em 2005 até o 1º semestre de 2009</b>	<b>59</b>
<b>2.9 Nova proposta curricular</b>	<b>61</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

*Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balance, de se remexerem dos lugares. (Guimarães Rosa)*

Assim, como o poeta nos diz na abertura deste texto, escrever é difícil porque certas coisas teimam em não ficarem no lugar. Certos acontecimentos, certas passagens da vida, ao serem narradas, provocam balanços, mudanças, não apenas da visão que tínhamos dos próprios acontecimentos, mas de nós mesmos. Com isso, ao pensar em escrever este memorial certos questionamentos me vêm à cabeça: *o que vou escrever? Por onde começar? Como contar um pouco da minha vida? Será que vou lembrar os fatos importantes?* Vejo que estas inquietudes se vão à medida que começo a lembrar da minha formação e início, mesmo ainda com alguma dificuldade, a escrita de minha história.

Quando comecei a escrever este memorial pensei no sentido da palavra *narrar*. Consultei o dicionário Luft que diz: *expor, descrever minuciosamente; historiar; relatar; referir; contar*. Ao pensar nessa definição concordei com as palavras de MORAIS (2002), que nos diz: *Contar é, pois, passar adiante uma história que, sendo velha, torna-se nova a cada dia pela ação não só do olhar de quem conta, mas também de quem ouve* (p.84). Ao contar um pouco sobre a minha trajetória de vida, percebo que as minhas lembranças ganham outros significados. Seja por mim, que ao contá-las acabo atribuindo outros sentidos, tendo novos olhares para aquelas lembranças, ou por alguém que as escutam e as interpretam de outras formas.

Como diz PRADO (2005):

*Ao narrar, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram “esquecidos” no tempo. (p.5).*

Assim como o autor nos diz, tento através da narrativa, neste texto, relembrar momentos, fatos, passagens que foram significantes para a minha formação, e de uma forma ou de outra contribuiu para me tornar o que sou hoje. Às vezes achamos que algumas memórias não são importantes, que não tem sentido expô-las em um trabalho monográfico. Consideramos só a produção de teóricos conhecidos, esquecendo as nossas memórias; julgando-as sem valor.

PRADO e SOLIGO (2005) nos dizem ao contrário, pois:

*Considerar a possibilidade de os educadores construírem conhecimento válido é considerá-los de fato protagonistas da ação pedagógica que desenvolvem, da experiência coletiva que vivem na escola e dos processos de formação dos quais participam. (S/D, P: 8).*

Entendo que seja preciso considerar a escrita, a história dos educadores, pois eles vivenciam as peculiaridades da educação, tendo como base as suas práticas em sala de aula. Enfim, considero que podemos sim, escrever um texto acadêmico levantando questões que estão relacionadas ao cotidiano escolar e que tem uma considerável importância para o ensino. Vejo que nestas narrativas pessoais, como é um memorial de formação, haverá um momento em que o autor levantará algumas questões acerca do seu passado, e nela poderão ser discutidos conceitos da área da educação.

Contudo, penso que cada lembrança está entrelaçada com o que somos hoje, pois:

*Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cerca. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tornam e da qual muitos outros fazem parte. (PRADO, 2005:56)*

Dessa forma, sobre o ato de recordar, percebi que foi através dessa atividade de *puxar* da memória alguns fatos de minha vida, que pude lembrar histórias significativas para a minha formação. Comecei também a entender melhor os memoriais que estou tendo a oportunidade de ler. Lendo-os com um novo olhar. Relembrei de histórias que já estavam distantes das minhas recordações. Então, a partir dessas memórias é que pude notar como o passado influencia o presente e também o nosso futuro.

PRADO (2005) define memorial como:

*Um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência (...) não há compromisso em historiar toda a vida. (PRADO, 2005: 56).*

Assim, ao relatar o memorial não precisamos contar toda a nossa vida. Afinal, não conseguiremos lembrar de tudo. Mas ao fazer o esforço em relembrar o passado virão em nossas mentes detalhes que são significativos para esta atividade de narração de nossas lembranças. Então, ao começar a construir este texto narrativo, lembrei de certas passagens significativas, e também dei o devido valor a elas, as reconhecendo como memórias importantes para a minha vida. Penso também que a cada revisão do texto temos um novo olhar acerca dos acontecimentos vividos.

Buscando ampliar a conceituação sobre memorial consulte o dicionário Luft novamente que diz: *Relato por escrito de atos e feitos; memórias*. Enfim, refletindo um pouco sobre a definição que o dicionário nos traz, penso que memorial é o ato de escrever sobre algumas recordações, no sentido de lembrar um pouco sobre alguns fatos que ocorreram no passado e assim, entender melhor sobre o presente. Penso que cada vez que fazemos esse exercício reflexivo de relembrar alguns acontecimentos, temos um novo olhar acerca do nosso passado, pois estamos mais experientes e mudamos a nossa maneira de ver o que havia acontecido antes.

Entendo que memória são as lembranças que guardamos em nossa mente. Para mim, memorial é relatar por escrito as experiências por qual cada um de nós passamos. Quando tive que fazer essa atividade de recordar fatos do meu passado, senti dificuldades. Não lembrava muito da minha infância, mas ao iniciar esse memorial comecei a recordar de algumas passagens da minha vida. Conversei com os meus pais sobre a minha infância, que foi de grande valia para mim. Talvez para alguns recordar seja difícil, por ter sofrido na vida alguma violência, ou, por ter vivenciado alguma outra situação, tornando difíceis as lembranças do passado.

Percebo então, que existem momentos que nós não recordamos, às vezes por ter ocorrido há muito tempo, ou por julgarmos que não é importante lembrarmos certos casos. Deparei-me com essa situação ao começar a escrever este memorial, recordava muito pouco da minha infância e dos primeiros momentos na escola. Julguei que certas lembranças não eram importantes para ser descritas aqui neste trabalho. Enganei-me, pois aquelas que eu não considerei importante foram as que me ajudaram a entender realmente o que me motiva a escolher esse tema<sup>1</sup> para a minha monografia.

Bem, para começar, lembro-me do jardim de infância que fiz no Instituto Educacional Santa Cecília. Ainda hoje é falado em minha casa que quando eu chegava da escola, colocava meu pai e minha mãe sentados no sofá para me ouvirem cantar a musiquinha que havia aprendido na aula. Um dia era:

*Borboletinha tá na cozinha,  
Fazendo chocolate para a madrinha  
Pontinho, pontinho perna de pau  
Olho de vidro e nariz de pica pau, pau-pau.*

No outro dia a música era

*Eu tenho uma boneca assim*

---

<sup>1</sup> Meu tema é: Formação Continuada dos Professores

*Que veio de Paris mim  
Ela fala mamãe papai,  
Eu deixo ela em pé e não cai.*

E tudo isso com direito a coreografia.

Naquele momento do meu jardim de infância a música estava sempre presente. Ao relembrar dessa vivência compreendi que na minha vida escolar a música:

*Proporciona (...) a liberdade expressiva do corpo, que se torna um convite à dança, onde o indivíduo pode julgar – se capaz de seus conhecimentos necessários e possibilidades com relação ao que aprendeu, instigando sua imaginação e desenvolvimento uma nova forma de participar (...) (PENHA, 2006: 19).*

Vejo que, assim como PENHA (2006), nos relata sobre a liberdade expressiva que a música nos proporciona, vivenciei essa experiência com a música na sala de aula. Naquela época a música me proporcionava uma liberdade, me deixava livre para usar a imaginação, e até de interpretá-la como quiser, inventando coreografias. Infelizmente a música nem sempre é tratada assim. Às vezes ela é usada para manter a disciplina e até mesmo para ensinar as regras. Não dando a liberdade de expressão que tanto PENHA (2006) nos fala, pois a criança não tem a possibilidade de se expressar. Não podendo nem sair do lugar.

Quando fui fazer a alfabetização mudei de colégio. Fui para o Instituto Educacional Nova Vida, um colégio particular que ficava mais perto da minha casa, no Fonseca. Recordo muito pouco dessa época, mas pelo que meus pais me contam, eu fiz uma alfabetização tranqüila. Era uma aluna esforçada e logo comecei a ler.

Lembro da minha festa de formatura da alfa, na qual eu fui a formiguinha da peça. A peça contava a história da cigarra. Como ela estava muito triste, os bichos da floresta resolveram fazer uma festa para ela. Eu era a formiga que quase contava para a cigarra à surpresa que iam fazer. Só tinha uma fala na peça, mas ficava em casa treinando: *nós estamos fazendo uma fes...*

Naquele momento da minha alfabetização, penso que a professora via a arte como uma maneira de:

*Cultivar a sensibilidade e a emoção e de desencadear um número enorme de atividades que trabalham diretamente a questão da alfabetização. A arte torna o trabalho educativo interessante, atraente e sedutor. (CARVALHO, 2007: 1)*

Assim como diz a autora, penso que a arte é de suma importância para a alfabetização e também para as demais séries. Pude vivenciar na prática a importância

da arte na escola, desde o período no qual estudei no jardim de infância, quando realizei atividades com a música, até a alfabetização, quando vivi variadas situações onde havia trabalhos com a arte. Tinha prazer ao participar das atividades onde era preciso pintar, pois era um trabalho meu, não existia outro igual. Lembro que nas datas comemorativas eram feitas atividades que nós, alunos, pintávamos o que íamos levar para casa, e a professora não interferia, deixava-nos a vontade para pintar como quiséssemos. Entretanto, nem sempre isso ocorre, alguns professores, geralmente por falta de tempo, ou por terem muitos alunos em sala, preferem dar a eles a tarefa pronta, só faltando pintar. Existem situações em que a professora direciona tudo, até a cor que deve ser utilizada. Tirando do aluno a autonomia de fazer um trabalho de sua autoria. Causando no mesmo uma dependência, pois ele só irá fazer o que a professora pedir. Não sendo mais espontâneo ao ter que fazer uma simples atividade.

Quando estava na segunda série a professora com a diretora da escola fizeram uma proposta para os meus pais, a de “me pularem uma série”. A argumentação era de que eu era uma aluna muita aplicada e que me sairia muito bem na quarta série. Meus pais ficaram receosos e não permitiram esse avanço de série. Lembro-me que essa sugestão foi feita também para os pais de uma colega de classe, Bruna, e eles aceitaram.

Hoje em dia, os pais já não são mais consultados para o processo avaliativo e vemos muitos alunos serem aprovados pelo critério da promoção automática. Esse método consiste em passar o aluno de série, mesmo se ele não souber ler ou escrever. Nesta situação não existe a reprovação. No meu caso foi diferente, pois eu já estava alfabetizada, e quiseram que eu avançasse uma série. Pensaram em me adiantar, mas não levaram em conta outros fatores importantes para esse acontecimento, tais como: a minha interação com a turma da segunda série, onde conhecia todos os alunos, e não pensaram que os conteúdos da terceira série pudessem fazer falta para mim em algum momento da minha vida.

Por sorte meus pais não permitiram que esse avanço de série acontecesse, e continuei estudando até a quarta série nesta escola. No começo da quarta, mesmo morando no Fonseca, meus pais trocaram meu irmão e eu de colégio. Fomos para a Escola Municipal Aurelina Dias Cavalcante, que fica perto da casa da minha avó, no bairro Amendoeira em São Gonçalo. Minha mãe nunca trabalhou, e sempre ia nos buscar no colégio, desde o jardim. Para facilitar, acharam melhor colocar meu irmão e eu na mesma sala, por causa do horário da saída.

Essa situação, de dois irmãos na mesma sala, ocorre geralmente com irmãos gêmeos, pois eles têm a mesma idade, e estão na mesma série, no meu caso foi diferente, já que eu e meu irmão não somos gêmeos, mas por nós estarmos na mesma série meus pais acharam melhor não nos separar e optaram por deixar na mesma sala de aula. Enfim, alguns especialistas, assim como a psicóloga Héden Fischer (S/D), acham que cada um tem uma personalidade diferente do outro, considerando que: “*a criação pode até ser a mesma, mas os indivíduos percebem de forma diferente o que está sendo transmitido pelos pais*”. (s/d, p: 1) Entendo que cada criança tem o seu jeito de ser. Mesmo estudando com o seu irmão, cada um possui uma personalidade diferente. Em alguns casos, ao ter seu irmão estudando na mesma sala, isso pode lhe prejudicar ou simplesmente não afetar. No meu caso não me afetou tanto. Sentia que não estava sozinha e tinha sempre a companhia do meu irmão na hora de ir e voltar do colégio. Em compensação, estava sempre com ele, o dia todo. Em casa e até na escola.

Meu pai sempre nos levava para o colégio de manhã, e de lá ia trabalhar. Como a escola ficava perto da onde minha avó morava, minha mãe ia pra lá mais cedo e *fazia hora*, até ir nos buscar. Quando minha mãe passou para a prefeitura de São Gonçalo como merendeira e começou a trabalhar, não podia mais nos buscar na escola. Assim, meu pai nos levava de manhã para o colégio e na volta pegávamos um ônibus para a casa. Como eu e meu irmão estávamos crescendo, de vez enquanto meu pai nos colocava no ônibus para irmos sozinhos para a escola. Isso foi muito importante para nós, pois sentíamos que nos davam um voto de confiança. Com essa atitude começamos a ter responsabilidade e nos tornamos mais autônomos. Assim não dependíamos tanto dos nossos pais para ir ao colégio.

Naquele momento, entendi que meu pai estava tentando fazer com que eu e meu irmão não dependêssemos dele e nem da minha mãe para irmos ao colégio. Acredito que, podemos ser mais independentes através de algumas situações que vivemos no nosso dia-a-dia.

Pensando sobre o que é autonomia, procurei no dicionário a sua definição, que é: *faculdade de se governar leis próprias. Independência*. Assim, entendemos que autonomia é a capacidade do ser humano se tornar o responsável pelas suas ações.

Segundo VLIESE (2007), baseada no pensamento de Piaget:

*A autonomia é a fase final de desenvolvimento do juízo moral. Uma fase em que o sujeito é capaz de construir e respeitar regras porque compreende a sua importância para o bem estar da comunidade. Nesta*

*fase, a criança aprende a conviver com consensos e divergências, aceita opiniões diferentes das suas e respeita os valores da dignidade, do respeito mútuo, do diálogo e da solidariedade. (VLIESE, 2007: 1)*

Como nos diz VLIESE (2007), a autonomia se constrói através de algumas ações vivenciadas tanto em casa como na escola. Ao respeitar as regras impostas em qualquer espaço físico, como em casa, no clube, na igreja, no colégio, entre outros. A escola como um espaço de formação é um elemento essencial para auxiliar o processo de formação de cidadãos autônomos, capazes de serem críticos-reflexivos. Desenvolvendo a habilidade de agirem sozinhos, de tomar as suas próprias decisões.

Senti-me mais confiante indo à escola sozinha com o meu irmão. Sem nenhum adulto por perto. Apesar de já conhecer o motorista do ônibus, pois íamos sempre no mesmo horário. Acho que foi até por isso que meu pai nos deixou ir sozinhos. Mesmo ele não indo, haveria alguém para “*nos soltar*” no ponto certo do colégio.

Enfim, quando meu irmão e eu passamos para a sexta série, meus pais decidiram nos mudar de escola, pois era muito cansativo ir para São Gonçalo todos os dias. Fomos para o Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto, mais conhecido como CEBRIC, que fica no Fonseca. Íamos sozinhos e a pé para o colégio. Ainda continuei sendo da mesma sala do meu irmão.

Na sétima série, estudei novamente com a Bruna, aquela que avançou um ano, e vi que meus pais estavam certos. Quem sabe eu também repetisse um ano de escolaridade, assim como Bruna. Talvez eu não me adaptasse na 4ª série, pois teria como colegas de classe crianças um ano mais velhas que eu. Sem falar que eu já tinha construído um laço de amizade com os alunos da minha turma. Penso também que os conteúdos da 3ª série podiam me fazer falta em algum momento da minha vida escolar.

Nessa mesma época minha mãe e a minha tia Selma, que morava no nosso quintal, voltaram a estudar, e se matricularam no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, o IEPIC. Como estava surgindo um boato de que iriam começar a aplicar prova para quem quisesse ingressar no ensino médio no Instituto, e eu já não queria continuar no CEBRIC, pois já estava há muito tempo estudando junto com o meu irmão, resolvi começar a estudar no IEPIC. Comecei a oitava série lá, no ano de 1999. Quando reformularam a grade curricular do curso normal, acrescentando mais um ano de escolaridade, eu tive que fazer até o quarto ano. Fui a segunda turma a formar pela nova grade curricular. Já a minha mãe e minha tia continuaram com a

grade anterior e se formaram em 2001. Logo em seguida, elas deram início a graduação em pedagogia na UNIPLI (Universidade Plínio Leite), no curso noturno.

No segundo ano comecei a trabalhar como auxiliar da alfabetização no Colégio Monsenhor Raeder, no Barreto. Foi a minha amiga Lílian, que estudava comigo desde a 6ª série que me indicou à Reinilda, coordenadora pedagógica tanto da escola onde ela trabalhava, o Jardim de Infância Julieta Botelho, quanto da escola Monsenhor Raeder.

Fui fazer uma entrevista com a Reinilda, que me falou que eu seria a ajudante da professora da alfabetização. No dia seguinte fui conversar com a diretora. Chegando lá, Reinilda me mostrou o colégio, me apresentou aos funcionários e me encaminhou a diretora, a Maire. Maire me perguntou se eu queria trabalhar mesmo lá, que no primeiro momento seria uma experiência. Eu aceitei. Terminamos a conversa e ela foi me apresentar à professora e a turma na qual iria trabalhar. Fui bem recebida por todos os alunos.

No Monsenhor Raeder eu era ajudante da alfabetização, mas também um “quebra-galho” das outras turmas. Estavam sempre me chamando para ajudar, principalmente as professoras do mini-raeder<sup>2</sup> e do 1º período da educação infantil. As turmas eram juntas, e a auxiliar dessa professora ajudava também a funcionária que ficava no portão. Como os alunos eram muito pequenos, eram necessárias duas professoras em sala.

Lembro-me de quando ficava com as crianças do mini-reader junto com a professora. Nós gostávamos de separar as turmas. Eu ficava com o mini-reader e ela com o 1º período, ou vice e versa. Gostava muito de levá-los para a sala de leitura. Colocava-os deitados no colchão e lia várias histórias. Íamos sempre à sala de brinquedos também, para brincar com os fantoches que tinham lá. Ao me aproximar dessas crianças e viver a experiência de ter uma turma “minha”, senti despertar ainda mais a vontade de ser professora.

Recordo-me que as sextas-feiras os alunos saíam mais cedo, por volta de 15h45min, e nós professoras<sup>3</sup> íamos para a sala da coordenação para nos reunirmos e fazermos o planejamento semanal. Éramos orientadas pela coordenadora pedagógica Reinilda, que sempre perguntava como estavam indo as aulas e se alguém tinha algum comentário a ser feito. Geralmente nessas reuniões, discutíamos questões referentes ao

---

<sup>2</sup> Mini-raeder era o nome dado a turma anterior ao 1º período da educação infantil.

<sup>3</sup> Eu não era professora, só ajudante da alfabetização, mas sempre fui considerada como uma professora, por isso participava das reuniões pedagógicas que acontecia semanalmente.

plano de aula, a algum projeto que estávamos querendo colocar em prática, e discutíamos também as festas que iriam ser realizadas na escola. Tentamos sempre trabalhar em conjunto, ajudando na elaboração do planejamento uma das outras, trocando material e sugestões.

Sempre tive a sorte de fazer estágios onde pude participar realmente da aula. Desde o segundo ano do curso normal. Naquele momento, estagiei no 2º período na educação infantil. Depois no terceiro ano, fiz minha prática pedagógica na 2ª série do ensino fundamental. O último que fiz foi em uma classe de alfabetização.

O estágio é muito importante para a formação de professores. Segundo COSTA (S/D), essa atividade de observação tem como objetivo “*possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências e integrar teoria e prática*” (s/d, p:1). Concordo com as palavras da autora, pois o estágio é o momento de interação com o campo profissional do futuro professor, na possibilidade de desenvolvimento da teoria e prática. Não aprendemos tudo só em sala, é preciso vivenciar a prática, e temos essa oportunidade quando fazemos o estágio, tanto no curso normal, quanto na faculdade. Nota-se que o estágio não é uma atividade só do curso de formação de professores. Todos os demais cursos utilizam essa prática de observação.

Apesar de ter certa liberdade na sala de aula, tive um probleminha no último estágio que fiz na classe de alfabetização, pois, de acordo com a professora, ela seguia o método construtivista. Ela falava sempre da importância de deixar a criança livre, e que era necessário respeitar o tempo delas. A professora deixava a turma *muito à vontade*. Minha impressão naquele momento era que ela não se impunha, e os alunos acabavam fazendo o que queriam. Até saíam de sala correndo, parecendo não se importarem com a presença da professora. Reparei que só aprendiam aqueles que realmente tinham interesse. Afinal, eram esses alunos que geralmente me procuravam para ajudá-los com algum exercício que tinham dúvidas. Sempre que acabavam de fazer o dever que a professora tinha passado, pedia para ela lhe passar mais. Notava-se que estes alunos queriam ocupar o seu tempo aprendendo. Não davam importância as brincadeiras que os outros faziam em sala.

Planejei para a minha aula prática, ensinar as partes das plantas e pensei em usar a experiência do feijão no copinho. Meu professor então, me propôs que eu antecipasse a experiência, fazendo uma semana antes, e também que eu fosse acompanhando o experimento dia a dia com os alunos. Assim, quando fosse o dia da minha aula prática, eles já iam estar inteirados do assunto e mais entrosados comigo. Ocorreu que como

eles não tinham disciplina, não me respeitaram, e fizeram bagunça. Até saíram de sala. Então, o meu professor do estágio decidiu me colocar em outra sala de alfabetização para eu observar e apresentar novamente à mesma aula, pois ele percebeu que a falta de disciplina dos alunos não era minha culpa, e que não poderia me avaliar utilizando apenas aquela aula. Fiquei uma semana em outra sala e no final do meu estágio apresentei a mesma aula. Desta vez me sai muito bem.

Piza (S/D) define disciplina como: *“um processo que leva o indivíduo a respeitar normas, isto é, a respeitar os limites estabelecidos pelo grupo com o qual convive.”* (s/d, p:1). Refletindo sobre essa definição de Piza, entendo que vivemos em uma sociedade com regras, e para conviver em harmonia é preciso respeitá-las. Ao me deparar com aquela situação, de indisciplina dos alunos, me senti mal, pois não entendi o porquê deles agirem assim, pensei até que o assunto que tratei em minha aula não tivesse despertado a atenção deles. Fazendo-os agirem da mesma forma que agem com a professora em sala. Quando fui apresentar a mesma aula na outra turma, tentei fazer diferente, enfeitei mais o cartaz, e utilizei-o como recurso para interagir ainda mais com os alunos, deixando que eles enfeitassem o cartaz. Pode ser esse um dos motivos o qual os alunos tenham prestado mais atenção na minha aula. Percebi também que a professora desta turma ficou em sala, e estava sempre chamando a atenção dos alunos. Situação que não ocorreu na outra sala.

Enfim, apesar dessas situações terem ocorrido comigo, graças a Deus no final deu tudo certo. Consegui ter uma boa nota no final do meu estágio.

Quando chegamos ao quarto ano, alguns alunos da minha sala resolveram pedir isenção para o vestibular da UERJ, e eu tentei também. Como o prazo de entrega de documentos já estava chegando ao fim, meu pai achou melhor desistir de pedir isenção e pagar a inscrição. Inscrevi-me para a segunda prova de classificação. Como não fazia um pré-vestibular, descobri um curso que tinha o Projeto UERJ, que contava com aulas para preparar para o vestibular. Eram comentadas as provas anteriores, tiravam-se algumas dúvidas e davam dicas.

Fiz a prova, minha primeira prova para passar em um concurso. O mais interessante é que uma menina da minha sala, a Madelene, fez na mesma sala que eu. No dia seguinte todos estavam comentando sobre a prova.

Fui ver o resultado e vi que tinha passado. Como eu não tinha a isenção da taxa e os bancos estavam em greve, tive que pedir ao meu pai para ir à UERJ Maracanã comigo para comprar o kit e assim poder me inscrever para a segunda fase.

Escolhi pedagogia, pois não sabia o que fazer inicialmente. Tinha medo de errar no curso, e como já estava fazendo o normal resolvi dar continuidade. Como tinha me saído bem na primeira fase resolvi fazer o Projeto UERJ novamente, agora com as matérias específicas para a segunda fase. De dez alunos da minha sala que tentaram a prova da UERJ, só quatro passaram para a segunda fase. Quando fui fazer a segunda prova me deparei com a Madelene novamente, muita coincidência né?!

Não tinha muitas esperanças em passar na prova da UERJ. Achei que não tinha me saído muito bem na prova. Por isso, não esperei o resultado sair e fui fazer o vestibular da Estácio para continuar estudando. Certo dia, uma amiga da minha sala me ligou perguntando se eu já tinha visto o resultado da UERJ, falou que eu tinha passado e que o meu nome estava entre os classificados. Corri para a internet para ver o resultado, e o meu nome estava lá, só que para o segundo semestre de 2005. Na hora de me inscrever coloquei a opção ao contrário, e não podia trocar. Apesar de ter cometido um engano, adorei, pois assim teria seis meses para descansar e começar com todo o gás. Depois lembrei-me que tinha me inscrito na Estácio e precisava ir lá trancar a matrícula. Fiquei cerca de três horas só para conseguir ser atendida, e depois de uma burocracia consegui trancar a matrícula.

Um certo dia, encontrei com Madelene na rua. Perguntei como ela havia se saído na segunda fase da UERJ e ela me disse que tinha passado na reclassificação para o segundo semestre de 2005, mas tinha esquecido a data e perdeu o dia de ir fazer a pré-matrícula. Me disse que por isso acabou perdendo a vaga. Fiquei triste. Depois de tanto esforço e tanta coincidência não seríamos mais da mesma sala nem da mesma faculdade.

Minha mãe e minha tia juntas, como sempre, fizeram a prova do concurso para a Prefeitura de São Gonçalo para professor docente II. Ambas com o objetivo de mudar de cargo, já que minha mãe era merendeira, e minha tia era inspetora. Também desejavam começar a exercer a profissão para a qual estavam estudando: o magistério.

Logo em seguida saiu o concurso para a prefeitura de Itaboraí, e as duas novamente tentaram uma vaga para professor docente II. Minha mãe conseguiu passar em 45º lugar. Ela começou a dar aula no início de 2005. Como lhe deram uma turma de alfabetização, minha mãe precisou fazer um curso que era oferecido pelo município de Itaboraí para os seus professores de classes de alfabetização. O nome era Profa I - Projeto de Formação de Alfabetizadores de Itaboraí. Minha mãe acabou acumulando todas as atividades: de manhã, o trabalho como merendeira no Colégio Municipal

Estephânia de Carvalho; à tarde, a turma de alfabetização no Colégio Jornalista Alberto Torres; e à noite o 7º período na Universidade Plínio Leite. Aos trancos e barrancos ela conseguiu se formar no final de 2005 junto com a sua fiel companheira, a minha tia Selma. As duas sempre faziam tudo juntas, desde o 2º grau até o término da faculdade.

Logo assim quando a minha mãe começou a dar aula no município de São Gonçalo ela começou a participar de alguns cursos oferecidos pelo CREFCON (Centro de Referência em Formação Continuada). Lembro-me disso, pois sempre ia com meu pai buscá-la no colégio onde era o CREFCON, em Neves. Quando ela começou a dar aula para a alfabetização, os cursos se intensificaram. Ela estava sempre fazendo cursos de formação continuada, procurando estar sempre pensando sobre a sua prática.

No segundo semestre de 2006 minha mãe decidiu dar continuidade aos seus estudos e junto com ela a minha tia Selma. Como surgiam muitas dificuldades em compreender o comportamento de seus alunos, sentiu necessidade de fazer uma pós-graduação lato-sensu em Psicopedagogia. A cada dia, percebe-se que essa escolha foi de suma importância para a sua formação, e agora que terminou a sua pós-graduação, ela pensa em começar uma faculdade em psicologia, pois a psicopedagogia lhe despertou o interesse em conhecer o comportamento de seus alunos.

Lembro-me da minha mãe na fala de Vasconcelos ao dizer:

*(...) os professores/professoras têm maneiras muito próprias de vivenciar questões relativas ao tempo e ao espaço. Diferentemente de outros profissionais, os professores/professoras, ao encerrarem seu expediente, iniciam uma série de tarefas – preparação de aulas, avaliação de atividades e muitas outras – que se desenvolvem em um espaço/tempo que não ganha visibilidade, pois é próprio da vida privada. (VASCONCELOS, 2000: 14)*

Vejo isso aqui em casa, pois minha mãe não consegue ser professora somente em sala de aula, mas sim em todos os momentos oportunos. Noto que ela está sempre pensando em sua aula, em preparar coisas novas para os seus alunos. Está sempre relatando o que aconteceu na aula, enfim, não dá tempo de ser professora só 4 horas por dia. Ser professora a ocupa muito mais. Como filha e futura pedagoga, me sinto estimulada ao ver esse jeito da minha mãe, de sempre pensar em sua profissão. Sinto que ser professora é ter essa atitude: de procurar refletir sobre a sua formação, tentando buscar o melhor para a sua prática. Pretendo, assim como ela, ter esse comportamento. Procurando ser, a cada dia, uma ótima educadora para os meus alunos.

Enquanto isso, na faculdade eu aprendia cada vez mais. Recordo-me da disciplina Alfabetização III, que foi ministrada pela professora Maria Tereza. No primeiro dia de aula ela não pode ir e deixou uma tarefa com a sua monitora Ryane. A tarefa era fazer um poema com a história do nosso nome. Geralmente o nome da criança é trabalhado logo no começo da alfabetização, pois fica mais fácil para os alunos começarem a conhecer as letras. Revirando algumas pastas encontrei o meu poema, que ficou assim:

*Quando criança  
Minha mãe de boneca gostava de brincar  
Gostava muito do nome Ellen  
Por isso, Ellen resolveu me chamar.*

*Achou que estava incompleto  
Não se contentou  
E Ellen Cristina o meu nome ficou.*

*Adoro o meu nome  
Apesar de quase ninguém saber escrevê-lo.  
É com E, dois L e um N no final,  
Mas nunca fica assim  
Tem sempre um que coloca um H no começo  
Tira um L do meio  
E coloca um M no fim.*

É importante conhecer a história do nosso nome, pois ele sempre terá um por que. Pode ser porque a sua mãe o acha lindo, ou foi o nome de uma personagem de novela, ou porque seus pais querem homenagear alguém, entre outros. Quando me foi solicitado essa tarefa demorei um tempo para lembrar a história do meu nome. Lembrei que há um tempo conversando com a minha mãe, lhe perguntei o porquê ela resolveu me chamar de Ellen Cristina, e ela me falou que sempre gostou desse nome. Sempre que ia brincar de boneca a chamava de Ellen Cristine. Perguntei o porquê meu nome ficou Ellen Cristina. Então ela me disse que meu pai tentou registrar como Ellen Cristine, mas o escrivão do cartório não aceitou, disse que não poderia registrar dois nomes em inglês, e acabou ficando Ellen Cristina.

Enfim, ao continuar a relatar sobre a minha vivência na faculdade, lembro que, sempre que possível participava (e ainda participo) de alguns seminários que discutem a formação docente. Fazendo-me pensar como é importante a nossa formação. Em algumas aulas sempre se levou em conta a metodologia. Dando ênfase na importância de como fazer, o cuidado que se deve ter ao preparar uma aula. Sempre visando o aluno. Assim como nas disciplinas: matemática III: conteúdos e métodos; literatura infanto-juvenil II e Ciências da natureza II: conteúdos e métodos.

Quando estava no quinto período do curso, na turma de pesquisa em educação III com a professora Sonia Câmara, começamos a ver projetos de pesquisa, textos com os tipos de projetos. Houve um dia só para apresentação. Alguns professores comentaram um pouco sobre os seus projetos. O que me ajudou muito, pois serviu para ter uma idéia de como é um projeto e como fazê-lo.

Ao iniciar os primeiros rascunhos para o pré-projeto, e em ter que pensar num tema. Comecei a relembrar a trajetória da minha mãe (a qual venho seguindo também). Despertando-me o interesse em falar sobre a formação continuada, principalmente aquela oferecida pelo município de São Gonçalo aos seus professores. Visto que tenho o interesse em fazer o concurso como professora da Prefeitura de São Gonçalo e outros municípios.

Ao ser questionada novamente sobre o porquê desse tema me motivar tanto, (a ponto de escrever este trabalho monográfico). Vejo que, como professora, estou começando a dar os primeiros passos para a minha formação continuada. Pretendo estar sempre em formação, revendo e tentando melhorar a minha prática. Por isso, porque não fazer um trabalho monográfico discutindo certos conceitos que serão pertinentes durante a minha atuação como professora? Ao lembrar os momentos das reuniões pedagógicas que aconteciam no Monsenhor Raeder percebo que, desde aquele momento estava inserida num processo de formação continuada. Aquelas reuniões auxiliaram-me a entender um pouco sobre a minha prática que estava acontecendo naquele momento, como ajudante da alfabetização e quando ajudava as outras professoras. Aquelas reuniões eram um momento de trocas: de experiências, de vivências, de angústias de alegrias. Enfim, um momento de formação contínua.

O que me motivou também a falar sobre a Formação Continuada foi quando fiquei ciente sobre as regras da AACC (Atividades Acadêmico Científico Culturais)<sup>4</sup>, mais conhecida como: *Horas Complementares*. Pensei que, assim como os professores precisam estar repensando a sua prática, e também estar sempre em formação, as Horas Complementares seriam para nós, alunos, o processo de formação contínua. Pois é uma oportunidade para participarmos de seminários, palestras e fóruns que discutem a educação. Até mesmo poder refletir sobre certos conteúdos ao ir ao cinema, teatro e exposições. Entendo que as Horas Complementares é uma extensão da nossa formação,

---

<sup>4</sup> AACC são as atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas por alunos para o aprimoramento de sua formação, permitindo a ampliação dos seus conhecimentos e o fortalecimento da relação universidade-sociedade.

pois não bastam só as horas em sala de aula, é preciso ter uma formação acadêmica cultural na faculdade e fora dela.

Quando a minha orientadora Jacqueline me falou que a formação continuada não era ainda um tema muito pesquisado e discutido na faculdade, reforçou ainda mais a minha vontade de fazer este trabalho. Pensava que, assim pudesse discutir um tema não muito explícito no meu curso.

Enfim, como nos diz VASCONCELOS (2000) :

*Resgatar histórias de vida permite vôos bem amplos. Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de resignação e criação. (VASCONCELOS, 2000: 9)*

Penso que fazer um memorial não é só contar um pouco sobre a minha vida, é re-contar fatos que com certeza marcaram-na. Relatar detalhes que são imprescindíveis para entender o porquê de certas escolhas.

Tenho como projeto de vida, inicialmente, terminar este trabalho e conseguir me formar no primeiro semestre de 2009. Começar a trabalhar, preferencialmente na área de educação.

Pretendo fazer uma pós-graduação em gestão escolar, para poder ser orientadora pedagógica. Penso também em fazer um mestrado só não pensei ainda sobre a temática. Minha prioridade é começar a trabalhar e voltar a estudar na medida em que eu sentir necessidade de ampliar a minha formação.

Assim, meu tema de pesquisa é a Formação Continuada. A questão que irei perseguir durante este trabalho é como a rede municipal de São Gonçalo pensa a Formação continuada para os seus professores.

No primeiro capítulo irei discutir a respeito dos conceitos sobre formação continuada. Embaso-me em alguns estudiosos que dissertam a respeito das diversas formas de conceituar a formação continuada, tais como: formação inicial, em serviço, cursos, palestras, seminários entre outros.

No segundo capítulo conto um pouco da história de uma instituição responsável pela formação continuada do município de São Gonçalo, o Centro de Referência em Formação Continuada o CREFCON. Trago falas de alguns sujeitos envolvidos com a sua implementação para contar um pouco sobre essa história e para mostrar como esse órgão é estruturado.

# CAPÍTULO 1

## FORMAÇÃO CONTINUADA E A SUA CONCEITUAÇÃO

A formação continuada dos profissionais da educação é um tema que tem despertado o interesse de inúmeros estudiosos. Tendo como objetivo principal discutir algumas questões que estão relacionadas com as práticas exercidas pelos educadores, para que assim estes possam melhorá-las cada vez mais. Percebi que alguns temas ganham mais destaques, como: dificuldade de aprendizagem, agressividade infantil, concepções de infância, entre outros assuntos, mas pude notar que algumas décadas atrás alguns teóricos, BARDIN, (1977), ZEICNHER (1983), NÓVOA (1992, 2002) dissertaram sobre a formação dos professores, com o intuito de procurar respostas para assuntos mais relevantes sobre a formação desses profissionais. Sabemos que o professor deve estar sempre (re) construindo o seu conhecimento, acrescentando algo novo a sua formação, tentando melhorar cada dia mais a sua prática em sala de aula. Devendo ter como foco o seu aluno, pois ele é o seu espelho.

Para entendermos melhor a formação continuada é preciso refletir como ela foi pensada, para que assim possamos compreender através do passado, o seu presente. Em sua tese de doutorado, NUNES (2000) discute um pouco sobre o contexto histórico da formação contínua, onde começaram a investir na educação, com a intenção de melhorá-la cada vez mais, tornando assim:

(...) uma das formas elementares para alcançar o progresso social e cultural da humanidade, pois se parte do pressuposto de que o nível de educação de um país afeta, poderosamente, a saúde, a economia, o trabalho, a segurança, o saneamento, o meio ambiente, entre outros. (...) a educação é concebida como uma das dimensões que contribui direta e indiretamente para o pleno desenvolvimento de todos os setores da humanidade. (NUNES, 2000:18)

NUNES (2000) nos fala que, a formação continuada é entendida como modo de alavancar o progresso social, pois através da educação o país se tornaria melhor. Notamos que essas exigências de uma melhor qualificação dos profissionais da educação estão sendo postas pelo capitalismo,

visando à globalização e unificação de determinados mercados econômicos cujos resultados possam trazer dividendos para acirrar a luta pela competitividade internacional e a hegemonia de tal mercado. (NUNES, 2000: 21 e 22).

Com esta fala entendemos que a formação continuada tem implicações nas formas de organização política e social. Assim, parece necessário repensar a formação

dos profissionais em educação. Como nos diz GOERGEN (1998, p. 14) APUD Nunes “*a boa escola é imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, é certo também que são indispensáveis bons professores, pois sem eles não há boa escola*”. (2000: 19).

A partir dessa tentativa de melhorar a qualidade da educação o professor passa ter um novo papel, com isso ele: “*(...) passa a ser considerado o ‘agente das reformas educativas’, assumindo o papel de mediador entre economia/desenvolvimento e educação. Nesta perspectiva, as escolas são consideradas como importante estrutura de mudança social, (...)*” (NUNES, 2000: 23). Podemos dizer que na proposição do mercado o professor através da educação vai ser o dinamizador pelo binômio economia/desenvolvimento, assumindo dentre as inúmeras responsabilidades a de mudar a formação oferecida aos alunos para que assim possa melhorar cada vez mais a economia e conseqüentemente o desenvolvimento do país; dependendo do trabalho do educador para que ocorra o tão desejado crescimento.

Entendendo assim o contexto histórico da formação continuada podemos dizer que a mesma vem: “*proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver o trabalho pedagógico, (...) como um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, (...)*”. Vemos então, que a formação continuada através das discussões busca trazer novas reflexões para desenvolver uma prática mais reflexiva, procurando estar sempre em processo de construção de novos saberes.

Tentando entender um pouco mais sobre a formação continuada, procurei o significado da palavra *formar*, baseando-me no texto de Nogueira (2006) que define: “*A palavra formar deriva de ‘formare’, que significa dar forma. Segundo o dicionário Houaiss (2004), ‘formar significa dispor em certa ordem, instruir, educar’.* (26). Podemos entender assim que a formação, seja ela inicial, continuada, entre outras tem a intenção de instruir aqueles que se dispõem a participar da mesma.

Segundo a ANFOPE (1994) Apud Nunes a formação continuada vem sendo usada para dar continuidade à formação profissional, proporcionando:

(...) novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver o trabalho pedagógico. Assim, considera-se a formação continuada como um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, a partir da formação inicial e vista como uma proposta mais ampla. (2000: 8).

A partir da reflexão da autora, podemos dizer que a formação continuada está sendo utilizada como uma maneira de dar continuidade a formação dos professores, fazendo-os refletir acerca de seu trabalho como educador. Tentando fazer também que o mesmo perceba que a sua formação deve estar sempre em construção.

Podemos então definir a Formação Continuada como “*um processo de desenvolvimento pessoal e profissional de um ser adulto em interação com o meio e, portanto, como processo contínuo de reconstrução identitária.*” (ESTRELA APUD FERREIRA, 2003: 46). Assim, vemos que a aprendizagem é um processo contínuo, que está relacionado com o meio no qual vivemos. Por isso, precisamos estudar, conhecer sempre mais, pois o conhecimento não é um processo acabado, ele está sempre em construção.

A Formação Continuada tem como intuito:

Proporcionar ao professor a possibilidade de identificação dos conflitos do cotidiano pedagógico, percebendo as incertezas de uma nova aprendizagem. Através da formação continuada, o docente pode aprender com os próprios erros, procurar compreendê-los, depurá-los visando à reconstrução de sua prática, e socializando as experiências com o grupo. (GONÇALVES, 2006: 8).

Neste pensamento, uma formação que deve estar sendo considerada periodicamente, para que assim possamos identificar onde a nossa prática está desarticulada, procurando revê-la para recriá-la com outras possibilidades de mudanças. Com isso, percebemos a importância da troca de experiências em grupo, seja em uma reunião pedagógica ou numa conversa informal na hora do recreio, pois em conjunto, podemos tentar resolver alguns anseios que temos em relação à prática.

Visto que o docente é aquele que precisa estar periodicamente à procura de novos conhecimentos, entendemos então que “*a professora é por força da natureza de seu trabalho, pesquisadora, pois quando ensina, aprende, e quando aprende, melhor pode ensinar.*” (MORAIS, 2006: 8). Entendo com essa reflexão que o profissional em busca de um melhor conhecimento, pode se tornar um pesquisador, através da investigação, do interesse em responder algumas perguntas pertinentes à sua prática na busca de respostas para as mesmas. Ao construir este aprendizado, ele pode socializá-lo, tornando-se um outro profissional, acrescentando múltiplos conhecimentos em articulação com o seu cotidiano escolar.

Nessa busca pela formação docente percebemos que há vários tipos de formação: Inicial, Continuada, Contínua, em serviço, que são desenvolvidas de diversas

formas: através de cursos, palestras, seminários, em grupos de estudos, de acordo com a necessidade do professor.

## **1.1 FORMAÇÃO INICIAL**

Podemos dizer que a formação inicial é aquela dada em primeira instância. No caso do professor, existe o curso normal, que é a formação no ensino médio. Sua habilitação abrange o ensino fundamental, mas só o 1º segmento (1º ao 5º ano) e educação infantil. Para alguns, a formação inicial é realizada só no ensino superior, nos cursos de pedagogia, tendo em vista aqueles alunos que fizeram o ensino médio regular. Ao optar por uma profissão, estes escolhem a faculdade para se formar.

Outra definição que podemos ter da formação inicial é:

Formação que visa à aquisição das capacidades indispensáveis para poder iniciar o exercício duma profissão. É o primeiro programa completo de formação que habilita ao desempenho das tarefas que constituem uma função ou profissão. (ANTUNES, 2001: 27)

Podemos entender que a formação inicial é aquela que vai abranger certos conhecimentos necessários para iniciar uma carreira. Mas com os dias de hoje, só a formação inicial não é o bastante. Por isso a formação continuada ou contínua vem para suprir algumas questões que não são respondidas na formação inicial. Na sua primeira formação o professor ainda não possui um conhecimento total do cotidiano escolar, pois só os estágios de observação e as atividades desenvolvidas durante o período de estágio não suprem o entendimento de uma prática docente. Percebe-se que durante a formação inicial teremos suporte a todo o conteúdo teórico. Conhecemos os principais conceitos, mas só através da prática em sala de aula sentiremos a necessidade de buscar respostas para algumas questões que não foram respondidas na nossa primeira formação. Há o fato de estarmos inseridos numa sociedade com diversas peculiaridades, onde cada aluno nos instigará a buscar um maior entendimento acerca da sua dificuldade, seja de aprendizagem, de comportamento, entre outros.

Entretanto, não devemos ficar somente na formação inicial, visto que:

(...) apesar de a formação inicial ser considerada o espaço por excelência para aquisição de elementos teóricos básicos para a formação profissional, é preciso ter a clareza de que se trata apenas de uma preparação inicial. Isso porque, por melhor que seja, esse momento não é capaz de atender as necessidades apresentadas pelas situações de ensino ao longo da profissão. (OLIVEIRA, 2007: 18).

Torna-se preciso entender que a formação inicial é só o começo da caminhada. Com ela aprenderemos alguns conceitos básicos para a nossa prática em sala de aula. Tendo em vista que, por melhor que seja a abordagem dos conteúdos, métodos e da troca de experiência, é preciso deixar claro que a formação continuada está à disposição daqueles que procuram dar continuidade a seus estudos.

Visto que cada comunidade escolar é diferente das demais. Não podemos deixar de lado a singularidade de cada escola, pois:

Cada escola possui características próprias de acordo com as peculiaridades da comunidade escolar: aspectos culturais, econômicos, políticos, religiosos, assim como necessidades próprias daquela instituição. Portanto, torna-se evidente a necessidade de um olhar diferenciado para cada realidade, um olhar atento às características e necessidades específicas de cada estabelecimento de ensino. (NOVELLO, 2003: 3)

Com isso não podemos ter a pretensão de homogeneizar a formação continuada e não tendo como base uma formação comum para todos os professores, pois cada educador tem uma perspectiva acerca de sua prática. Por exemplo, alguns professores priorizam determinados conceitos que julgam de suma importância para o seu dia a dia, e que talvez faça falta para os seus educandos mais tarde, enquanto para outros tal conhecimento não é relevante, deixando-o de lado e priorizando uma temática que está de acordo com a sua vivência. Com isso, cada prática em sala de aula se difere das demais, cada professor tem um olhar que lhe é peculiar.

Entretanto, a formação inicial para a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 em seu capítulo VI dispõe sobre os profissionais da educação. No artigo 87 inciso 4º afirma: *“Até o fim da década da educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.”* Desta forma, todos os professores que não tivessem o ensino superior completo, deveriam procurar fazê-lo com o prazo máximo até 2006. Mas o que ocorreu foi à má interpretação do artigo, pois podemos fazer duas leituras: a primeira que aquele professor que já estivesse em sala de aula precisaria ingressar na faculdade com o risco de ser demitido. Outro ponto de vista, seria que só seriam admitidos aqueles com o ensino superior completo. O curso normal já não serviria como titulação mínima exigida. Assim como nos diz Oliveira: *“tal lei estimulou uma expansão desordenada e desqualificada dos cursos de formação de professores. Isso porque essa exigência, reivindicação antiga dos movimentos dos educadores, acelerou a procura por esse nível de ensino.”*

(OLIVEIRA 2007: 40). Com a fala da autora podemos entender que esse nível de ensino já era desejado pelos movimentos dos educadores, mas como a lei deu brecha pra várias interpretações, o que ocorreu foi uma corrida dos professores às universidades, já que os mesmos eram cobrados pelos seus diretores e coordenação pedagógica.

## 1.2 FORMAÇÃO EM SERVIÇO

Alguns autores diferem a formação continuada de formação em serviço, enfatizando que o papel do professor seria “*desenvolver novos meios de realizar seu trabalho pedagógico com base na reflexão sobre a própria prática (...) nessa perspectiva, a formação deve se estender ao longo da carreira e deve se desenvolver, preferencialmente, na instituição escolar.*” (ANDRÉ, 1999: 8). Assim, podemos entender que a melhor forma de realizar a formação continuada seria inseri-la na instituição escolar, tendo como objetivo abranger cada professor que atua neste espaço, e em conjunto, tentando sanar as dificuldades encontradas no interior da escola.

Um espaço que é rico e propício para que seja realizada a formação em serviço seria a escola, pois é o momento em que:

(...) o professor elabora, re-elabora, faz descobertas e aprende a re-significar seu papel e suas práticas, bem como aprimora sua formação. Isto significa recuperar a escola enquanto espaço pedagógico, fortalecendo-a internamente e aprimorando suas práticas. O espaço escolar é lugar de produção das práticas e da formação do professor. (SANTOS, 2008: 8)

Assim, como nos diz a autora, a escola seria um espaço que privilegia a produção dos docentes, aprimorando a sua atuação em sala de aula, dando novos significados e re-elaborando o seu papel como educador. Podendo também ajudar no trabalho em conjunto, auxiliando na troca de experiências dos professores que atuem nesse espaço.

Uma solução para tentar sanar as dificuldades existentes na escola seria de iniciar um grupo de estudos, reunindo os professores para discutir acerca de assuntos que lhe são pertinentes. Buscando a melhoria em sua prática e discutindo algumas teorias que lhe são cabíveis.

Podemos definir grupos de estudos como:

Um espaço onde vivemos um movimento de reflexão compartilhada em grupo, a partir de movimentos de solidariedade e cooperação. Um espaço onde buscamos compreender o compreender do outro, sendo esse outro nossos alunos e alunas ou

as outras professoras, do grupo ou de nossos espaços de trabalho. Um espaço dialógico onde a experiência de formação seja para cada uma de nós um acontecimento. (MORAIS, 2006: 121)

De um espaço no qual podemos trocar: experiências, anseios, dúvidas, inquietações, tudo aquilo que implica em nossa prática. Um lugar onde procuramos entender o outro, seja este o meu aluno ou o nosso colega de trabalho. Entendemos por grupo de estudos as reuniões que alguns professores realizam para discutir acerca de sua prática, podendo ser grupos voltados para a alfabetização, para a educação infantil, para as dificuldades de aprendizagem, entre outros temas. Geralmente os grupos se encontram semanalmente, de acordo com os seus horários disponíveis, e falam quais são as suas dificuldades ou quais são as suas melhorias, sempre buscando um embasamento teórico para auxiliar essas reuniões. As reuniões pedagógicas ou os conselhos de classe deveriam formar um grupo de estudos, pois os professores estão ali por uma causa em comum: o aluno; mas em geral não são.

Um grupo de estudos que podemos citar é o GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Continuada), que foi criado no ano de 1996 e continua até hoje. Tem como objetivo unir professores para discutir sobre a sua prática e sempre buscando embasamento na teoria. O sucesso do grupo de estudos foi tanto que acrescentaram um dia na semana em especial para as reuniões do grupo. SANTOS (2004) em sua dissertação de mestrado nos conta um pouco da sua experiência:

Formávamos um grupo que se reunia com o objetivo de criar um espaço no qual fosse possível trocar relatos de nossas experiências, dividir as dificuldades e sucessos da atuação no magistério e aprender com as trocas. Atingir tal objetivo consolidou o “GEPEC de Terça”(…) o espaço denominado “GEPEC de Terça” tornou-se singular, por tratar-se de um grupo aberto a todas professoras que estejam interessadas em discutir as problemáticas concernentes ao cotidiano escolar. Um grupo que, ainda hoje, se reúne a cada quinze dias, desenvolvendo um programa de formação continuada, mais ou menos institucionalizado, não oferecendo certificado de conclusão, títulos ou complemento salarial. (SANTOS, 2004: 28)

Com esse relato podemos perceber o sucesso do GEPEC, pois é um espaço que possibilita a discussão entre os professores estudantes da Faculdade de Educação da UNICAMP. Geralmente, os que mais procuram o GEPEC são aqueles que não se sentem completos com a sua formação buscando assim, um espaço para discutir assuntos pertinentes a sua prática. Vemos que os participantes têm como objetivo adquirir conhecimentos, sem nenhuma recompensa por essa aquisição, pois no GEPEC não confere certificados, títulos e nem recompensa salarial.

Enfim, a formação continuada pode também ser feita através de cursos, palestras, seminários, estas com tempo de duração menor, e com assuntos específicos, tentando discutir alguns assuntos que são pertinentes aos professores que estão em sala de aula, visando uma prática reflexiva.

### **1.3 OUTROS CONCEITOS**

Existem muitas concepções da formação Continuada. Ela é entendida por alguns representantes da educação como uma forma de melhorar a “debilitada” formação do professor. Sendo visto como cursos meramente compensatórios, onde se procura amenizar as deficiências da formação, aquela que às vezes não foi bem ministrada durante a sua fase inicial. SANTOS, baseando-se nos estudos de NÓVOA (1995) e CANDAU (1997), traz conceitos importantes para explicar melhor a forma como é vista esse tipo de formação contínua:

De uma forma geral, percebemos na literatura consultada que durante a década de 1970, o contexto educacional brasileiro sofreu influências de uma tendência de formação continuada, baseada numa lógica de reciclagem, treinamento, aperfeiçoamento e atualização do professor, cujas bases teóricas vinculam-se ao modelo estruturante (Nóvoa, 1995) e clássico (Candau, 1997). Esses termos sugerem uma concepção de formação continuada, orientada pelo paradigma da racionalidade técnica, que tem como uma de suas premissas a existência de um conhecimento rigoroso, de natureza científica, como suficiente para o professor organizar o trabalho pedagógico. (SANTOS, 2008: 5).

De acordo com a fala da autora, podemos entender que há décadas atrás (desde os anos 70), a formação continuada passou a ser vista com um caráter meramente técnico, onde os cursos que eram oferecidos baseavam-se no modelo técnico, o qual o professor não participava ativamente do processo de formação, mas ia para estes cursos para ouvir outro profissional dizer o que se deve ou não fazer em sala de aula. Sendo um curso meramente mecânico.

Até hoje existem cursos que seguem esse contexto. Percebemos que os mesmos tentam homogeneizar a formação que é oferecida aos educadores, ministrando uma palestra ou seminário que possam abranger a todos os professores, mas sem notar que estes cursos ficam sem nexos, pois sabemos que cada professor tem uma forma de pensar que não vai ser comum a todos. Penso que estes cursos deveriam privilegiar a reflexão dos educandos, e não tentar ensinar-lhes como se deve fazer. Por isso esses cursos não são bem vistos pelos professores que os procuram, pois o que vemos são aulas sem

relevância que não tenta desenvolver a criticidade dos mesmos, tendo que freqüentar só para obter o certificado, sabendo que o que conta realmente é o que está no papel e não o nível de formação informal que você possui. Podemos entender melhor essa relação através da fala de Fernandes, que nos diz:

Hoje, para a generalidade dos docentes, a formação contínua significa o processo de obtenção de créditos, o qual obriga à freqüência de cursos: quais, não importa; sobre o quê, muito menos; que relação com a prática docente é questão irrelevante, com resultados transferíveis, nem vale a pena pensar em tal...(APUD ESTRELA, 2003: 51)

Assim podemos entender com essa reflexão o que geralmente ocorre é a ida do professor para estes cursos com a intenção de obter créditos para ter a sua formação validada, pois há uma certa exigência para que o professor busque melhorar a sua formação e para isto os educandos procuram estes cursos para acrescentar algo a mais a mesma e também para obter o certificado.

Com isso, podemos entender o motivo dos nomes pejorativos que tem esses cursos oferecidos aos professores – Capacitação, Reciclagem, Atualização, entre outros – como se os mesmos fossem apenas para contar no papel à formação que o professor possui. Não como algo que pode acrescentar aos seus conhecimentos, como nos diz Abicalil:

O trabalho pedagógico ficou reduzido a programas de treinamento voltados principalmente para os aspectos técnicos e metodológicos do trabalho docente, na concepção do professor como um prático solucionador de problemas, reduzido ao saber fazer. (ABICALIL, 2004: 1)

Concordo com a fala do autor, pois ultimamente, não se pensa em formação continuada para simples aquisição de conhecimentos. A formação tem sido vista como um treinamento para o que deve ser posto em prática. Tornando-se uma aquisição forçada e sem nexos para os mesmos.

Nota-se também que esses cursos são usados por algumas Secretarias de Educação como um estímulo ao professor, estas usam do Plano de Carreira para que os mesmos possam estar sempre estudando. Muitos professores se utilizam desse recurso para se formar e ganhar um pouco mais no fim do mês. Sabemos que os cursos de formação continuada são apenas uma forma de suprir as lacunas da formação oferecida aos professores pelas Secretarias de Educação, pois os professores da rede precisam estar sempre tecendo o conhecimento. MARIN (1995) citada em HYPOLITTO (2000) discursa sobre essa problemática nos dizendo que:

(...) se tratando de profissionais da educação, há inadequação em tratarmos os processos de educação continuada como treinamentos quando desencadearem apenas ações com finalidades meramente mecânicas. Tais inadequações são tanto maiores quanto mais as ações forem distantes das manifestações inteligentes, pois não estamos, de modo geral, meramente modelando comportamentos ou esperando reações padronizadas estamos educando pessoas que exercem funções pautadas pelo uso da inteligência e nunca apenas pelo uso de seus olhos, seus passos ou seus gestos. (APUD HYPOLITTO, 2000: 102).

Com esta fala, podemos entender que certos cursos nada têm a ver com a prática exercida em sala de aula, pois são cursos meramente mecânicos, que não deixam os professores terem a possibilidade de refletir. Podemos dizer que são aulas padronizadas que esperam uma resposta em comum dos seus participantes, sem dar a oportunidade de uma interação entre os mesmos.

Alguns estudos definem duas tendências de formação continuada. A primeira vê o professor como:

(...) sujeito crítico, criativo do seu trabalho pedagógico, portanto, produtor de conhecimentos sobre seu exercício profissional. Nessa vertente, o eixo estruturante da concepção de formação continuada, corresponde ao desenvolvimento de uma prática reflexiva crítica e propositiva. (SANTOS, 2008: 1)

Podemos perceber que este modelo de formação tem a intenção de fazer do professor um profissional reflexivo. Aquele que produz conhecimentos, e que está sempre pensando e reelaborando a sua prática. Já a outra tendência vê o professor como:

(...) um prático ou um técnico que aplica conhecimentos e técnicas produzidos por especialistas. Trata-se de um modelo de caráter instrumental que compreende a formação continuada como reciclagem, treinamento e aperfeiçoamento profissional. (SANTOS, 2008: 2).

Fazendo do educador um mero transmissor de conhecimentos já estruturados e planejados para este fim. Nota-se que o mesmo então teria uma prática meramente técnica. Ao pensar nessas duas concepções: uma vendo o professor como um profissional reflexivo tendo a preocupação de torná-lo um ser crítico, que reflita sobre a sua prática, e a outra como um ser que transmite conhecimentos, mas não os confronta, não questionando o que lhe é dado. Como nos diz SANTOS (2008): “*o professor é visto como uma “tábula rasa”(...) (p. 5) como se o mesmo não tivesse nada a acrescentar e só a receber. Notamos o afastamento das duas concepções, como se em cada ponta tivesse uma forma de entender a formação do professor, de um lado como o aluno é visto; um ser que precisa refletir mais sobre a sua educação, participando ativamente no*

processo de construção dos seus conhecimentos; e em outra vertente uma educação que só transmite os conhecimentos, sem dar oportunidade de fazê-los refletir sobre esses conteúdos que lhes são passados.

Um bom exemplo que podemos citar desses tipos de cursos são aqueles chamados de “Capacitação”. Uma curiosidade seria: o porquê desse nome? Teria a intenção de dizer que os professores não são capacitados? Que precisam desses cursos para se tornar capazes de dar aula? Segundo HYPOLITTO (2000) desde os anos 60 que a capacitação dos profissionais da educação tem o sentido de um conjunto de ações: cursos, encontros, seminários, tendo como objetivo desenvolver a qualificação do professor. Esses cursos têm a intenção de ajudar na formação dos educadores, que às vezes precisam buscar auxílio de um curso que possa ajudá-los na sua prática. Podemos perceber que este nome já está inserido em nosso cotidiano, não paramos para analisar o motivo desse nome, mas estamos sempre recorrendo a eles para acrescentar algo em nossa formação.

Outro nome bem sugestivo seria os cursos de “Reciclagem”, que no dicionário Aurélio vem com a significação de: *“atualização pedagógica, cultural, para se obterem melhores resultados.”* Mas como nos diz HYPOLITTO:

Reciclar supõe um movimento circular mais adequado às coisas do que às pessoas. Esse termo vem sendo usado atualmente para indicar a reutilização de materiais usados ou não degradáveis, para outros fins (...) entendemos a inconveniência de usar esse termo quando se trata de pessoas, embora tenha sido amplamente utilizado no meio educacional, referendo-se a cursos rápidos e descontextualizados, envolvendo o ensino de forma geralmente muito superficial, com raras exceções. (HYPOLITTO, 2000: 101.)

Podemos compreender a fala da autora, pois o que é preciso ser reciclado é lixo, e quando é lixo, é jogado fora, e a reciclagem seria uma nova maneira de reutilizar aquele lixo. Portanto, não podemos utilizar esse conceito para falar sobre a formação do professor, pois o mesmo já possui certos conhecimentos. Todos são válidos, não podemos reutilizar a aprendizagem dos educadores, mas sim acrescentar algo a mais a sua formação.

Outro conceito pejorativo são os cursos de “Atualização” como se o professor estivesse desatualizado, precisando se atualizar, e geralmente nesses cursos *“se referem a conteúdos, métodos ou técnicas, mas não contribuem para a atualização do professor.”* (HYPOLITTO, 2000: 102). E Furasi APUD Hypolitto fala que:

Atualizar significa colocar o educador em contato com aquilo que é atual, com os últimos conhecimentos produzidos na sua área, os quais devem ser encontrados nos resultados de estudos e pesquisas recentemente concluídos e que, muitas vezes, acabam ficando nas prateleiras das bibliotecas, sem que o educador que está na escola tenha acesso a este saber. (HYPOLITTO, 2000: 102).

Podemos entender este conceito como uma forma de apresentar ao professor certos assuntos que estão sendo abordados atualmente. Mas ao mesmo tempo em que esses cursos têm a intenção de mostrar tudo que há de novo na área da educação, existem algumas barreiras que impedem os professores de tomar consciência do novo. Há cursos sobre informática educativa que são oferecidos para os professores, mas os mesmos não têm acesso ao computador em sua escola e por isso não podem colocar em prática com os seus alunos. O professor busca trazer o que há de melhor para os seus educandos, tentando conhecer o que há de novo na área da educação, mas nem tudo que ele precisa a escola pode oferecer. Em algumas escolas, a falta é tão grande que às vezes o professor não tem sequer o giz para o seu uso.

Um termo utilizado para designar a Formação Continuada é o “Treinamento” como cita HYPOLITTO (2000)

Treinar implica ‘repetição mecânica’ e passividade de quem é treinado. A própria etimologia da palavra diz: quem treina traz alguém aonde quer. Essa etimologia nos faz lembrar do adestramento de animais. (HYPOLITTO, 2000: 101.).

Essa idéia nos faz refletir o uso dessa palavra: seríamos apenas um ser que precisa ser adestrado? Simplesmente alguém que não teria questionamentos, e que aceita passivamente o que lhe é imposto? Podemos entender que o uso desta palavra para resignar a formação dos profissionais da educação dá a entender que os professores não têm consciência crítica, aceitando o que lhes são passados sem nenhum questionamento.

Há também o uso da palavra “Aperfeiçoamento” que tem o sentido de “*tornar perfeito, completar ou acabar, o que está incompleto; adquirir um maior grau de instrução.*” (HYPOLITTO, 2000: 102), mas podemos contestar este termo, pois sabemos que não há perfeição, mas sim uma grande vontade de fazer o melhor possível. A palavra nos faz remeter a idéia de que o professor precisa melhorar a sua prática, e para isso busca o auxílio de um profissional para que possa ensinar-lhe como melhorar a sua forma de fazer. Isso dá a entender que o educador é uma pessoa incapaz, e que precisa ter alguém por trás para lhe mostrar o que fazer, e como fazer.

Esses nomes citados dão a entender que são cursos simplesmente para completar a carga horária do professor, pois há uma certa cobrança, de que o professor deve estar sempre estudando, procurando integrar a sua prática com a teoria.

Como nos diz ABICALIL,

Uma nova política de valorização e profissionalização dos educadores deverá constituir-se fundada em referenciais com estímulo à qualificação profissional, a recuperação da dignidade profissional pela atribuição de salários justos e jornada única em uma única escola, a ênfase na formação continuada articulada com a construção coletiva do projeto político-pedagógico, permitindo ao educador tempo para o estudo para o trabalho coletivo e para a criação de novos projetos pedagógicos que envolvam os sujeitos da ação educativa na escola e na comunidade em que está inserida. (2004: 3)

Com isso, podemos dizer que a formação continuada deve ser aquela a qual o professor busca por si mesmo um autoconhecimento tentando sanar as suas dúvidas, para que seja uma aprendizagem que venha com o intuito de enriquecer a sua docência. Acredito que o objetivo maior do professor deve ser o aluno. Temos também que usar os espaços da escola, pois ela deve trabalhar em conjunto com os professores, como nos diz NOGUEIRA (2006)

(...) falar de formação contínua é falar de investimento nos projetos escolares, e um dos desafios é enxergar a escola como um espaço onde trabalhar e formar não sejam ações separadas, mas integradas no cotidiano escolar. (p.41).

Devemos tentar fazer da escola um lugar rico para novas experiências, um espaço que nos dê a oportunidade de trabalhar em grupo, não vendo só os professores como funcionários a desempenharem determinadas funções, mas sim enxergar a escola no coletivo, pensando sempre na sua clientela, ou seja, os alunos. Enfim, o educador deve procurar enriquecer a sua prática para poder oferecer aos seus educandos uma melhor educação. Visando também à utilização da teoria e da prática em conjunto, uma auxiliando a outra, assim tornando-a mais prazerosa e melhor. A formação continuada deve fazer com que o professor possa perceber a importância de compartilhar com os outros, transformando assim o seu modo de pensar, de agir junto com os seus colegas de profissão e de luta.

Procurando saber como a Prefeitura Municipal de São Gonçalo pensa a formação continuada dos seus professores, descobri que foi criada uma instituição para ser a responsável pela formação dos profissionais da educação da rede municipal. No capítulo a seguir, iremos conhecer um pouco melhor a respeito desta instituição.

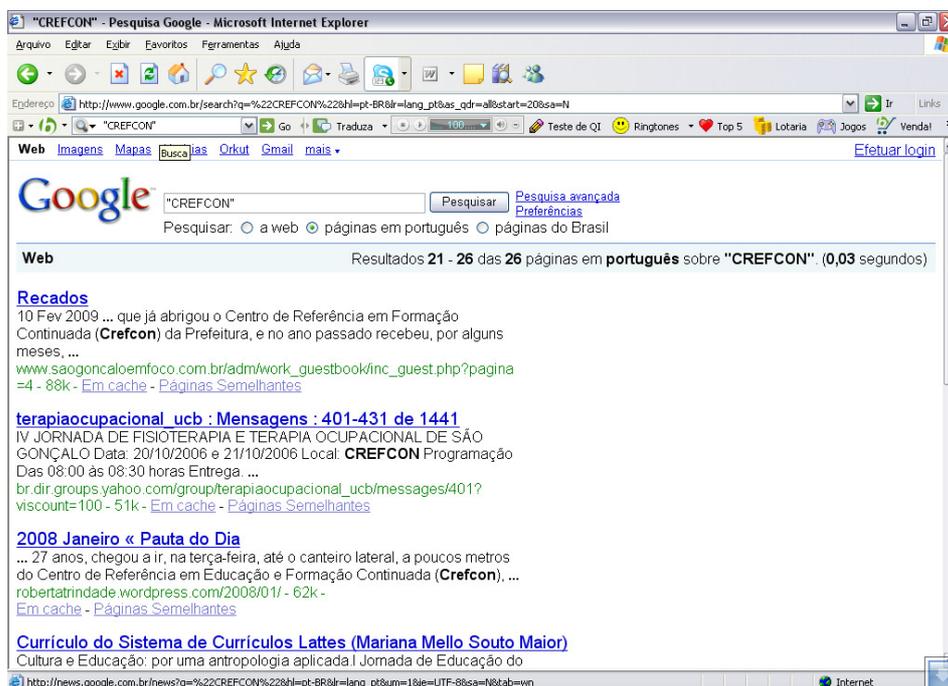
## CAPÍTULO 2

### A ORIGEM DO CREFCON

Neste capítulo irei apresentar a história de uma instituição pensada pelo município de São Gonçalo, que tem como objetivo auxiliar na formação continuada dos profissionais de sua rede. A partir da demanda de oferecer uma formação aos professores do município, cria-se o Centro de Referência em Formação Continuada, mais conhecido com CREFCON.

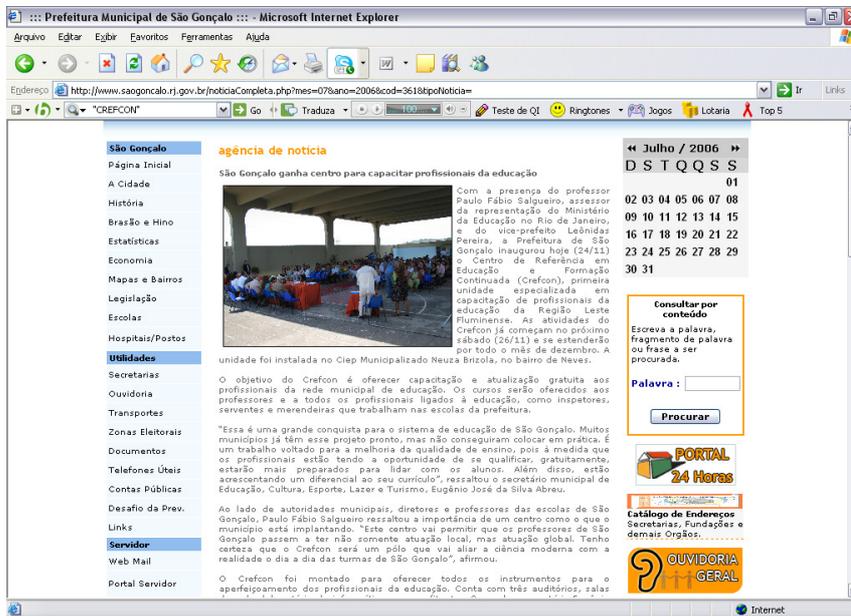
#### 2.1 CREFCON NA INTERNET

Como o CREFCON é um órgão responsável pela formação continuada dos professores da rede municipal de São Gonçalo, procurei descobrir que referências há sobre ele na internet. Escrevendo “CREFCON” no site de busca *Google* obtive a seguinte resposta:

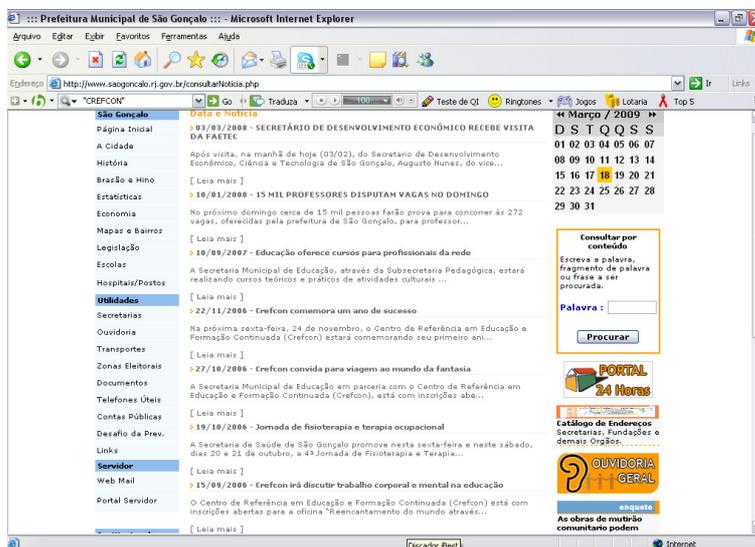


Constatei em 26 de fevereiro de 2009, que em 3 segundos o google conseguiu achar 26 sites que continham assuntos sobre o CREFCON, havendo também o Currículo Lattes de 4 professores relacionados ao Centro de Referência. Nota-se que a busca teve como critério as páginas em português. Embora apareçam muitos sites que não dizem respeito diretamente ao CREFCON há entre eles o site da prefeitura

municipal de São Gonçalo. Nele, há uma reportagem falando sobre a inauguração do CREFCON, como podemos observar na imagem abaixo:



Através do *Google* encontrei várias páginas da prefeitura de São Gonçalo, mas na mesma não há muitas reportagens sobre o CREFCON:



Notamos que dá para contar quantas reportagens há no site relacionado ao CREFCON, totalizando sete assuntos. Durante a pesquisa bibliográfica, pudemos encontrar apenas uma dissertação que cita o CREFCON, mas que não o coloca como centro temático. Não há artigos ou teses disponíveis na internet a esse respeito. Assim,

podemos perceber que o tema ainda não foi muito discutido, o que torna meu trabalho por um lado mais difícil e por outro inovador.

## **2.2 OS SUJEITOS ENTREVISTADOS**

Em busca das possíveis origens do *Centro de Referência em Formação Continuada, o CREFCON*, realizei entrevistas e pesquisei documentações, buscando fazer uma gênese desta instituição. Para isso, entrevistei seis pessoas que me foram apontadas como estando ligadas ao CREFCON em sua origem. Desta forma pude obter versões sobre a história do surgimento de uma instituição através de pessoas que ajudaram a constituí-la, o que, de certa maneira, tenho consciência, representa uma versão “oficial” sobre a história do CREFCON. São elas: Adriana Lucia T. de Souza Secretária Escolar do CREFCON de 2005 até 2009; Ana Beatriz Bezerra Diretora do CREFCON de 2005 até janeiro de 2009; Késia D’Almeida Coordenadora de projeto e pesquisa do Centro de Referência de 2006 atuando ainda no ano de 2009; Mirtes Maria Lessa, professora do CREFCON entre 2005 até 2007, e em 2009 nomeada como Diretora do CREFCON; Celina Emilia Fernandes Diretora adjunta do CREFCON de 2006 até janeiro de 2009 e Raquel Souza Cruz da Veiga, Secretária Escolar em 2005. Foi através de indicação de Eliane, Coordenadora Escolar do EJA na Secretaria de Educação, que conheci a Adriana Lucia T. de Souza, que trabalha desde o início do CREFCON como secretária escolar no CREFCON. Ela agendou uma entrevista com a Ana Beatriz Bezerra, diretora do CREFCON desde a sua implementação em novembro de 2005 até janeiro de 2009 e com a Késia D’Almeida, coordenadora de projeto e pesquisa do Centro de Referência desde 2006, atuando em 2009 no CREFCON. Escolhi essas pessoas para serem entrevistadas porque as mesmas estavam relacionadas à origem do CREFCON, e se disponibilizaram a conversar comigo a respeito desta instituição.

Conversando com a professora da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Ruth Ramiro, sobre meu projeto de pesquisa e possíveis informantes sobre a origem do CREFCON, esta me indicou Mirtes Maria Lessa, uma professora que atua neste órgão desde a sua inauguração, ou seja, desde o ano de 2005. Quando fui entrevistá-la, Celina Emilia Fernandes, Diretora Adjunta do CREFCON desde janeiro de 2006, participou da nossa conversa por também conhecer a história do CREFCON.

Procurei alguém na Secretaria de Educação para conversar sobre o que a Secretaria pensa a respeito de formação continuada. Lá me indicaram Raquel Souza Cruz da Veiga, que por coincidência trabalhou no Centro de Referência quando ele foi inaugurado. Raquel era a secretária escolar do Centro de Referência na época. Agora está desvinculada do CREFCON.

Desta maneira busquei mapear informações e depoimentos que trouxessem a origem e os caminhos iniciais pelos quais esta instituição passou. Esse conjunto de falas demarca um campo de versões que poderíamos classificar por oficiais. Assim, precisei buscar outras vozes que trouxessem outras versões sobre essa história. Para isso, busquei as vozes do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE). A sede do SEPE de São Gonçalo fica na Rua José Alves de Azevedo 215 lote 14, Zé Garoto São Gonçalo, CEP 24440-170. Tendo ido lá, fui orientada que entrevistasse Yara de Souza Ferreira, diretora Colegiada do SEPE de São Gonçalo.

Outra questão que deseja investigar era o impacto desse projeto de formação continuada para a formação de professores que atuam em São Gonçalo. Neste sentido, além dos sujeitos já mencionados, busquei também entrevistar sujeitos que tivessem participado como cursistas deste espaço de formação continuada por considerar que, por terem vivido a experiência de fazerem os cursos oferecidos, teriam outra visão do CREFCON. Desta forma, entrevistei 10 professores da rede pública Municipal de São Gonçalo.

As dez professoras<sup>5</sup> que estão fazendo parte deste trabalho são: três do Colégio Municipal Estephânia de Carvalho e sete do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornellas. Procurei estas escolas, pois minha mãe e minha tia trabalham nelas e facilitaram a minha entrada, e por também saber que pelo menos uma vez os mesmos já participaram dos cursos oferecidos pelo CREFCON. Mesmo sabendo dos limites deste critério de definição dos entrevistados, foi o possível, levando em conta as dificuldades e desafios em pesquisar tal tema.

As entrevistas só puderam ser feitas nos intervalos de aula das professoras, e também na hora da educação física dos alunos, pois nestes minutos as professoras necessariamente não precisavam acompanhar seus educandos, ficando mais livres para uma conversa. Tentei ao máximo não atrapalhar as aulas das minhas informantes. Como entrevistadas tive:

---

<sup>5</sup> Como geralmente acontece no magistério, há uma grande quantidade de professoras, por isso optei em nomear os sujeitos no gênero feminino.

Patrícia Mathias Oliveira do Espírito Santo, professora do 4º ano;  
Aliane Rodrigues de Souza, professora do 4º ano;  
Roseli Nunes do Nascimento, trabalha na *Sala Especial* e é professora do 1º ano;

Maria de Fátima A. Barbosa, professora do 5º e do 3º ano;  
Aline Borges, Professora do 1º ano;  
Angélica Cardoso Carvalho, professora do 3º ano;  
Selma Bahia de Souza que trabalha com reorientação e é professora do 3º ano;  
Maria Simões Filenes de Souza, professora do 4º ano;  
Maria Cristina Babo da Silva Bahia, professora do 1º período da Educação Infantil e do 5º ano;

Marilene Rocha de Souza Peixoto, professora do 2º período da Educação Infantil.

Entrevistei ao todo dezessete sujeitos. Quinze foram gravadas e depois transcritas na íntegra. Estão todas em anexo ao fim da monografia. Duas entrevistas não foram gravadas. Nestas anotei as informações em um caderno e depois transcrevi, colocando pergunta e resposta.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de 2008 a março de 2009.

As entrevistas foram de suma importância para o meu trabalho monográfico, pois foi com elas que pude compreender melhor o tema estudado. Na minha pesquisa procuro conhecer o CREFCON, tendo como base entrevistas com as pessoas envolvidas com a sua implementação. Madureira e Branco (2001) APUD SOUZA dissertam acerca das realizações das entrevistas e entendem: “(...) *o momento da entrevista como um espaço interativo, dialógico, permeado de significados co-construídos (...).*” Assim, entendemos que as entrevistas realizadas dão uma oportunidade de troca entre o pesquisador e o entrevistado, criando um diálogo rico a respeito do tema pesquisado. Em todas as entrevistas realizadas deixei que as mesmas tomassem o seu rumo, me preocupando em direcioná-las em momentos necessários. Notei que para as entrevistas serem bem sucedidas era preciso que os entrevistados fossem espontâneos, sentindo-se a vontade para conversar a respeito do CREFCON e formação continuada.

Como nos diz Brait (1993: 194) APUD Favaro:

*"(...) não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos,*

*tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões".(FÁVARO, S/P 1998)*

Como o autor nos fala, a entrevista se difere das outras metodologias devido à subjetividade da mesma, pois nas entrevistas percebemos o modo de agir dos entrevistados, a sua forma de falar, de mostrar o quanto conhece o assunto em questão, o prazer que tem ao falar do mesmo. Enfim, podemos notar atitudes que fazem diferença na hora de transcrever as falas.

Optei em gravar as entrevistas para poder dar mais atenção ao entrevistado, pois como nos diz MOREIRA (2006): “*O ato de fazer anotações durante a entrevista significa que o entrevistador pode não dar atenção suficiente ao que está sendo dito por que ele está muito ocupado tentando escrever as respostas.*” Por isso, me preocupei com o andamento da conversa, prestando atenção aos detalhes e as falas do entrevistado.

## **2.3 LOCALIZAÇÃO DO CREFCON**

Como pudemos observar no primeiro capítulo, a formação continuada é um fator essencial para os profissionais da educação, que precisam refletir sobre a sua prática, sendo esta formação amparada legalmente na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 em seu artigo 61:

*– A formação de profissionais de educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:*

- I- a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;*
- II- aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.*

Assim, os municípios precisam oferecer uma formação continuada para os seus professores em exercício. Tentando atender a este artigo a Prefeitura Municipal de São Gonçalo, na então gestão da prefeita Aparecida Panisset e do Secretário de Educação Eugenio José da Silva Abreu, criaram em 2005 um órgão que pudesse ficar responsável pela formação continuada dos profissionais da educação.

Embora tenha conversado com as pessoas envolvidas com a implementação do CREFCON, que me contaram um pouco sobre a sua origem, devo ressaltar que as falas são de pessoas ligadas ao CREFCON Institucionalmente, por isso, como alerta a Ruth Ramiro, parecerista desta monografia, que trabalha no município de São Gonçalo há vinte anos e participou do processo de implementação do CREFCON diz: *“é preciso considerar que essa está oficialmente marcada a partir de 2005. Entretanto, suas idéias nasceram no PME/2000”* Nota-se que os entrevistados só irão contar fatos que ocorreram a partir de 2005. Ruth nos explica como o CREFCON realmente foi pensado: *“Essa proposta nasce em 2004 na gestão de Charles com o Secretário de Educação Hélder Barcellos. Entretanto, os louros ficaram parecendo que são da prefeita Aparecida”*

Este órgão foi chamado de Centro de Referência em Formação Continuada (CREFCON), sendo a *“primeira unidade especializada em capacitação de profissionais da educação da Região Leste Fluminense”*. O CREFCON foi instalado no prédio do CIEP Neusa Brizola.



Fachada do CIEP 436 Neusa Brizola<sup>6</sup>

A princípio o CREFCON ofereceria capacitação e atualização aos profissionais da rede municipal de São Gonçalo, mas segundo o Secretário de Educação, tem o intuito de atingir também os profissionais da rede estadual e particular. Atualmente o CREFCON se encontra no Centro Interescolar Ulysses Guimarães o CIUG.

---

<sup>6</sup> Imagem retirada do site: FAETEC:

[http://www.faedec.rj.gov.br/images/unidades\\_erro/Cetep\\_Sao\\_Goncalo.jpg](http://www.faedec.rj.gov.br/images/unidades_erro/Cetep_Sao_Goncalo.jpg)



Entrada do Centro Interescolar Ulisses Guimarães<sup>7</sup>

## 2.4 ORIGEM DO CREFCON ATRAVÉS DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Como nos diz Celina Emilia Fernandes, que trabalha como professora há 19 anos na rede municipal de São Gonçalo e é diretora adjunta do CREFCON desde 2006, em São Gonçalo:

*Tinha uma coordenação de formação continuada, mas voltados para os PCN'S do MEC. Depois, o próprio plano de educação consta lá uma criação de um centro de formação continuada. Ai veio a criação em novembro de 2005. Criou-se o espaço CREFCON com equipe especializada voltada para a questão da formação continuada procurando atender a rede municipal. (Celina)*

A necessidade de um Centro de Referência é visto no Plano Municipal de Educação de São Gonçalo que foi elaborado em 2004. Ruth nos diz que: “O início da idéia (a gênese) foi da professora Janilce, primeira coordenadora.” O mesmo cita em seu diagnóstico sobre a Formação Continuada, dizendo que:

*Faz-se urgente a criação de um Centro de Referência em Formação Continuada, onde seja oferecido a todos os agentes de educação, o crescimento profissional, visando à melhoria da qualidade na educação oferecida pelo Município de São Gonçalo. (Plano Municipal de Educação de São Gonçalo, 2004)*

Para que este Centro de Referência possa realmente se tornar realidade, é tomado como meta no plano:

*9- Adquirir ou construir, em até 2 (dois) anos, em local de fácil acesso, um Centro de Referência em Formação Continuada com uma estrutura mínima, que atenda à demanda do município, salas e outros ambientes*

---

<sup>7</sup> Imagem retirada do site: Orkut: Comunidade Eu sou/fui aluno do CIUG

*que possibilitem o desenvolvimento dos trabalhos nos Núcleos de Formação.*  
*10- Equipar o Centro de referência em Formação Continuada com 100% de recursos necessários a cada espaço físico.*

Devido à necessidade de um Centro que atendesse a formação continuada dos profissionais da educação da rede municipal, Raquel coordenadora pedagógica do 2º segmento da Secretaria de Educação, nos diz que foi o Secretário de Educação da época, o professor Eugenio José da Silva Abreu, que “*criou a documentação necessária para que o CREFCON pudesse ser implementado legalmente.*” Esta documentação citada é o Ato de Criação do CREFCON, mas que infelizmente não pude ter acesso, pois de acordo com Adriana só existem duas cópias do mesmo, uma que está na Procuradoria esperando ser oficializado e a outra no computador da ex-diretora do CREFCON, Ana Beatriz.

No dia 24 de novembro de 2005, foi inaugurado o Centro de Referência em Formação Continuada, mais conhecido como CREFCON. Esta foi “*a primeira unidade especializada em capacitação de profissionais da educação da Região Leste Fluminense*”. (Site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo, 2005). O CREFCON foi instalado no prédio do CIEP Neuza Brizola, que naquele momento foi municipalizado pelo Governo do Estado para o município de São Gonçalo.

A criação do *CREFCON* teve como objetivo “*oferecer capacitação e atualização gratuita aos profissionais da rede municipal de educação*” (Site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo, 2005). Segundo o então secretário, a Formação Continuada a ser oferecida pelo município de São Gonçalo tem o intuito de oferecer uma capacitação aos profissionais da educação, mas será que a mesma consegue atingir o grau de qualidade desejada por aqueles que freqüentam estes demais cursos? Tendo em vista que os mesmos têm como objetivo *capacitar e atualizar* os profissionais, sem ressaltar a importância da qualidade dos cursos a serem oferecidos aos seus profissionais.

No site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo tem uma reportagem de 2005 sobre a inauguração do CREFCON. No texto há uma fala do Secretário da Educação, Eugênio José da Silva Abreu ressaltando a importância de ter um Centro de Referência no município de São Gonçalo, ele diz:

*Essa é uma grande conquista para o sistema de educação de São Gonçalo. Muitos municípios já têm esse projeto pronto, mas não conseguiram colocar em prática. É um trabalho voltado para a*

*melhoria da qualidade de ensino, pois à medida que os profissionais estão tendo a oportunidade de se qualificar, gratuitamente, estarão mais preparados para lidar com os alunos. Além disso, estão acrescentando um diferencial ao seu currículo. (Eugênio)*

Segundo o Secretário Municipal de Educação é importante oferecer no município um local específico voltado para a formação continuada, onde todos os funcionários das escolas possam participar de atividades desenvolvidas por este Centro, tentando acrescentar algo a mais no currículo desses profissionais que se dispõe a participar destas atividades.

Embora o Secretário Eugenio faça todo esse discurso, falando sobre a importância desse projeto, ele somente oficializou, pois como nos diz Ruth:

*Este projeto foi contemplado no PME e discutido através dos fóruns em 2003/2004. Eugenio apenas oficializou uma reivindicação dos professores. A proposta original não foi colocada em prática. A primeira proposta do CREFCON no governo de Aparecida foi organizada por duas professoras da rede que na época uma delas era subsecretária de educação (primeira no governo de Aparecida), a professora Cláudia Saldanha e a outra, a professora Virgínia Muniz, assessora da Cláudia Saldanha.*

Ainda que o Secretário da Educação diga que o Centro de Referência visa atingir a todos os profissionais da educação, tais como professores, diretores, coordenadores, serventes, merendeiras, secretárias, vemos que nem sempre isto ocorre, pois não há espaço suficiente para atender toda a rede municipal.

Yara, professora da rede há 18 anos e diretora do SEPE de São Gonçalo nos conta que na época da inauguração “(...) *houve uma grande propaganda dizendo que o CREFCON seria o Centro de Formação, coisa que a gente não vê acontecer. E ai ele está lá um elefante branco, (...)*”. Com esta fala podemos nos perguntar como uma questão de pesquisa: até que ponto o CREFCON cumpre os objetivos anunciados? Será que realmente oferece cursos de qualidade a todos e de fato contribui para a melhoria da qualidade do ensino gonçalense?

Procurando conhecer um pouco a história do CREFCON, conversei com cinco pessoas, três delas estão no Centro de Referência desde a sua implementação e duas desde o início de 2006. Uma dessas pessoas que ajudou na criação do CREFCON é Raquel, que trabalha há 20 anos na rede municipal. A entrevista ocorreu na Secretaria de Educação. Foi a única entrevista que não pude gravar, pois ela disse que eu precisaria de uma autorização. A conversa foi objetiva, mas esclareceu alguns pontos importantes sobre a origem do Centro de Referência. Assim, Raquel nos conta que:

*Ele foi criado pela prefeita Aparecida, pois o município tinha que oferecer uma formação continuada para os seus professores, então alguns professores da rede e da Secretaria de Educação foram para o prédio em Neves para implementar o Centro de referência, lá eram oferecidos cursos também (...). (Raquel)*

Como já nos disse Ruth Ramiro, a prefeita Aparecida Panisset apenas o inaugurou, mas não foi responsável pela sua criação. Deste modo, Yara nos conta sobre a instalação do CREFCON no prédio em Neves dizendo:

*A secretaria acabou deslocando os alunos que estudavam no CIEP para implementar o CREFCON, deixando centenas de crianças sem um espaço adequado. Mas já que está municipalizado o CIEP que a prefeitura não tem como custear, (...) o custo de manutenção é muito grande e isso é dito e repetido pela própria Secretaria de educação.*

Segundo a entrevistada, com a implementação do CREFCON em Neves foi preciso deslocar o CIEP municipalizado Neuza Brizola para que assim o Centro de Referência pudesse ocupar aquele espaço. Ela ressalta dizendo que não tem notícias sobre os alunos, para qual escola foram deslocados, e se o CIEP deixou simplesmente de existir. Ruth nos explica o que ocorreu de fato com esses alunos, dizendo que “*Essas crianças foram transferidas, haviam poucos estudantes dentro de um espaço enorme.*”

Sabemos que o CIEP Neuza Brizola foi municipalizado pela prefeitura de São Gonçalo, seu prédio fica localizado na Rua da Feira s/nº. Procurei saber mais informações a respeito do CIEP Neuza Brizola. Na Secretaria de Educação me disseram que com a implementação do CREFCON, o CIEP foi desativado e os seus alunos transferidos para outras escolas. Tentei ligar para o número disponível no site da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, mas o telefone só dava ocupado.

O organograma do CREFCON no ano de inauguração era composto por direção, secretaria, professores pesquisadores, e também os núcleos. Os núcleos eram responsáveis por cada área de conhecimento: português, matemática, história, entre outros. Houve algumas mudanças. Celina nos esclarece esta situação:

*(...) em 2006 início de 2007 a gente trabalhava com os núcleos que era de acordo com a área de conhecimento. Em 2008 a gente começou a rever isso, aí a gente pensou em trabalhar com coordenações. Então tinha coordenação de formação continuada, coordenação de pesquisa, coordenação de avaliação cada um com o seu objetivo específico, Ai a gente parou de oferecer os cursos para rever a proposta curricular, agora retornamos os cursos e devemos rever essa questão. (Celina)*

Antes de mudar a política, o organograma do CREFCON era assim:

*(...) uma direção, que é a Ana Beatriz. Temos uma diretora adjunta que é a professora Celina, uma secretária escolar que é a Adriana, três*

*coordenações, projeto e pesquisa com a Késia, cursos com Eliane e curso preparatório com Sonia e temos os professores pesquisadores. (Késia)*

Com este organograma Ana Beatriz ainda era a diretora do CREFCON, mas devido a problemas com os órgãos superiores no início de 2009 ela se retirou da direção. Com isso a diretora adjunta, Celina também se retirou. Podemos perceber com este organograma como funciona o CREFCON. As três coordenações são responsáveis por pensar os projetos a serem realizados no CREFCON. Os professores pesquisadores ficam responsáveis por pesquisar os assuntos pertinentes, para que, assim, possam ser desenvolvidos nos cursos a serem realizados.

Tentei saber mais detalhes sobre o organograma do CREFCON, mas não obtive respostas sobre esse assunto. As pessoas que procurei para melhores esclarecimentos não responderam aos meus contatos.

Procurei saber como foram escolhidos os professores para participar da implementação do CREFCON. Para isso, entrevistei Mirtes Maria Lessa, que trabalha há 22 anos como professora da rede pública de São Gonçalo e que no Centro de Referência era professora de literatura infanto-juvenil. Nós utilizamos para conversar o espaço onde atualmente está o CREFCON, no Centro Interescolar Ulysses Guimarães. A entrevista foi tranqüila. Perguntei como os professores foram selecionados, e ela responde dizendo:

*Através do currículo (...) Foi uma seleção bastante rigorosa. Na primeira reunião do CREFCON que teve foi na Secretaria de Educação. Eu me lembro que eu fazia parte da equipe. O pessoal estava numa felicidade. Essas pessoas mandaram os seus currículos por e-mail e entregaram na Secretaria. Teve uma equipe da supervisão que avaliou o currículo de todo mundo e convocou uns 20 professores da rede. Ai teve a primeira reunião com o Secretário de Educação que era o Eugenio, com o Superintendente e com a Subsecretaria da Educação que era Denise Mexas. A Luciana era a diretora do CREFCON. Eram pessoas com bons currículos. Foi difícil de escolher. (Mirtes)*

Quando o CREFCON foi inaugurado o prédio que eles ocupavam era o de Neves, o CIEP Neuza Brizola, que foi municipalizado pelo governo do Estado para o município de São Gonçalo. Ele tinha três auditórios, salas de aula, laboratório de informática e um anfiteatro. O prédio teve que ser devolvido, como nos explica Raquel: “era um espaço do Estado, e o Estado pediu de volta para colocar o FAETEC lá.” Daí então o CREFCON ficou instalado no prédio anexo da prefeitura, mas no começo de 2009, com a reeleição da prefeita Aparecida Panisset, no começo de 2009, houve um deslocamento de alguns órgãos da prefeitura. Com isso o CREFCON foi transferido

para o prédio da Secretaria de Educação, mudou-se mais uma vez de lugar, e agora está localizado no CIUG (Centro Interescolar Ulysses Guimarães).

Devido a esta constante mudança de lugar, segundo Mirtes, o Centro de Referência passou a ter uma proposta de atuação diferente, chamado de *CREFCON Itinerante*. Mirtes nos conta um pouco sobre essa idéia:

*Os professores vão a outras instituições para estarem oferecendo cursos de formação continuada para os professores. Assim, pegamos uma escola pólo. Ai as escolas próximas daquela ali são convidadas para participar dos cursos.*

Tendo em vista a falta de local apropriado para serem desenvolvidas as atividades do CREFCON foi pensado uma nova forma de oferecer Formação Continuada aos professores da rede. Assim, ao invés dos professores irem ao CREFCON, o Centro de Referência é que iria até eles, tentando atingir, segundo minha entrevistada, a todos os profissionais da rede municipal. Celina nos diz como irá atuar o CREFCON Itinerante:

*(...) vai estar sendo feito nas escolas procurando aproveitar o horário de planejamento. Então não vamos chegar de para quedas, nós vamos ouvir quais são as necessidades, e ai está juntando as afinidades das escolas por áreas de interesses, quais são os tipos de cursos oferecidos.*

Segundo a entrevistada o CREFCON Itinerante aproveitará os horários de planejamento, fazendo com que os professores possam levantar uma discussão pertinente à escola, fazendo com que os mesmos possam trabalhar em conjunto, para que assim possam refletir cada vez mais sobre as suas próprias práticas em sala de aula.

Yara faz uma crítica a respeito das reuniões pedagógicas dizendo:

*(...) as próprias reuniões pedagógicas da escola se elas acontecessem efetivamente, se a gente tivesse uma estrutura melhor, a discussão da nossa prática em sala de aula com certeza acrescentaria muito aos professores, mas a corrida é tão grande e as reuniões pedagógicas acabam sendo tão dispersas que infelizmente (...).*

A entrevistada afirma a necessidade de comprometimento nas reuniões pedagógicas, dizendo que devem ser utilizadas com o intuito de ajudar os professores a enfrentar os problemas da escola. A Yara nos alerta para uma situação enfrentada pelas escolas: a falta do orientador educacional, pois: “(...) existe na rede, mas é pouco para o número de alunos que a gente tem nas escolas, e ele acaba sendo uma figura para atender individualmente o problema de cada um.” Tendo em vista os problemas que devem ser solucionados durante o dia o orientador acaba resolvendo questões

relacionadas somente aos alunos, deixando para depois as questões pedagógicas relacionadas aos professores.

O Ato de Criação do CREFCON já está pronto, mas ainda não foi oficializado. Como nos confirma Mirtes: *“O ato de criação ainda não foi oficializado, estamos esperando só a publicação. Já foi encaminhada para a procuradoria.”* Existe toda a papelada necessária para legalizar o CREFCON como um órgão da Secretaria de Educação, mas ainda está passando por todos os tramites necessários para ser publicado. Uma questão que Ruth levanta é acerca da verba, pois será que ela chega ao CREFCON? Pois como ela mesma questiona: *“Se não há espaço para o Centro de Referência, qual seria a justificativa para o não encerramento?”*

Observando a logomarca do CREFCON procurei conhecer o responsável por sua criação. Ana Beatriz nos conta que ela: *“(…) foi criada pelo grupo que idealizou a inauguração do CREFCON, lembro-me da pessoa a frente ser Denise Narreti, ex- sub-secretaria de Educação, em conjunto com a antiga equipe também.”* Tentei entrar em contato de novo com a Ana Beatriz para saber se ela poderia me disponibilizar um telefone ou e-mail da Denise Narreti para eu entrar em contato, mas a mesma não retornou aos meus e-mails. Como já dito antes por Ruth, quem idealizou o CREFCON foi a professora Cláudia Saldanha juntamente com a professora Virgínia Muniz, a Denise Narreti ficou responsável apenas pela inauguração do CREFCON.



## 2.5 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO CREFCON

Procurando conhecer um pouco mais sobre o CREFCON, questionei a respeito da formação dos professores. Que formação os docentes deveriam ter para compor a equipe que iria atuar no Centro de Referência? Celina Emilia Fernandes, que trabalha há 19 anos como professora da rede e está no CREFCON desde janeiro de 2006 como diretora adjunta, nos fala um pouco dessa exigência:

*A equipe tem no mínimo especialização. Todo mundo tem como formação mínima especialização, a maioria tem mestrado, doutorado. E passaram por esse processo seletivo, não basta querer estar aqui, no período que acompanhei a seleção de professores, buscaram informações de como os professores eram na rede, trabalhos feitos, para poder saber como o professor estava atuando. (Celina)*

Percebemos com a fala de Celina que para atuar no CREFCON os professores devem pensar também na sua formação, pois nota-se que os mesmos não ficam somente na especialização, procuram fazer o Mestrado e também o Doutorado, tentando assim, refletir sobre a sua prática. Conversei com Ana Beatriz Bezerra que é diretora do Centro de Referência desde 2005. Na data da entrevista o CREFCON estava no prédio anexo da prefeitura. Foi com esta conversa que comecei a entender como é a estrutura do Centro de Referência. Ela nos conta que formação é preciso para ser professora do CREFCON e reforça a fala de Celina nos dizendo:

*Os professores do CREFCON têm que ter obrigatoriamente uma graduação e uma especialização no mínimo. E tem a questão do mestrado, uma pós-graduação estrito-sensu ou um doutorado. Ter na formação compatível com o que ela pretende trabalhar... (Celina)*

Késia D'Almeida, coordenadora de projeto e pesquisa no CREFCON. A entrevista foi realizada junto com Ana Beatriz. Uma completava a fala da outra, tentando responder o mais claro possível as minhas perguntas. Falando um pouco sobre como deve ser a formação dos professores, Késia nos diz:

*O CREFCON é uma formação continuada, então deve ser uma pessoa apta para dar cursos, e promover debates e encontros intelectuais, hoje na equipe só tem dois professores com especialização, mas que já estão intencionando um mestrado, os demais tem mestrado ou estão concluindo, ou tem doutorado ou está concluindo doutorado. (Késia)*

Nota-se que no CREFCON há uma certa exigência na formação do professor que ministrará os cursos. Os mesmos devem ter no mínimo uma especialização, mas

não devem ficar somente na pós-graduação, precisam procurar o mestrado ou então o doutorado.

## 2.6 E OS CURSOS, COMO SÃO PENSADOS?

Tentando entender como são pensados os cursos que o CREFCON oferece para os professores da rede, perguntei a Késia como os mesmos eram pensados. Ela nos explica:

*Os cursos visam atender as demandas que o professor que atua em sala de aula tem. Tenta atender através de temáticas ou aquelas que o próprio professor traz pra gente, uma pesquisa, ou o próprio levantamento que a gente faz nas unidades escolares. E também trazer temáticas que estão em discussão na atualidade, no caso da educação infantil a gente busca trazer cursos ligados a questão do letramento, ao currículo, do planejamento, do desenvolvimento infantil, enfim, questões que são ligados tanto as dúvidas que o professor tem na ação cotidiana, na prática como também nas questões que estão sendo discutidas entre os especialistas, ou na sociedade como um todo, enfim entre as demandas que a infância acaba trazendo pra gente. (Késia)*

Pela fala de Késia os cursos tentam atender as demandas do dia-a-dia do professor, levantando questões que estão relacionadas com o cotidiano escolar. Aparentemente são questões que às vezes sentimos dificuldades e procuramos encontrar soluções para saná-las. Segundo a fala oficial, os cursos são pensados através de um levantamento feito nas unidades escolares, procurando identificar as questões mais relevantes a serem discutidas nos cursos que vão ser desenvolvidos. Ana Beatriz complementa a fala de Késia dizendo:

*(...) as ações que fizemos até então foi partindo da demanda da escola, ou também de análise, da nossa própria análise, ou da análise da Secretaria de Educação das dificuldades que estão acontecendo. É o consenso falando, do que a gente está recebendo do que está ali, do que está em volta, atendendo as leis (...). (Ana Beatriz)*

Ana Beatriz fala das ações que, segundo ela, são feitas para saberem as demandas dos professores, o que cada curso deverá oferecer para os mesmos. Há também, ainda segundo as envolvidas com o CREFCON, as análises feitas pela Secretaria de Educação que passa para o CREFCON para que este fique a par das dificuldades dos professores. Ana Beatriz enfatiza também a importância de saber as demandas do professorado, mas sem deixar de atender o que está na lei, pois, para ela, não é só montar um curso ilustrativo, é conseguir suprir as reais necessidades dos

professores. Os cursos, de acordo com Ana Beatriz, não são pensados somente para atender os professores, mas sim a todos os profissionais da educação que atuem na rede municipal, assim Késia nos explica:

*(...) na realidade o que a gente intenciona é atender a todo o profissional que atua na unidade escolar. Merendeiro, servente, administração. Nós temos cursos específicos para cada área. A gente acredita que a formação é um processo, não é uma coisa estanque, não adianta você ter uma formação apenas voltada para um curso específico, e na realidade amarrar eles em pequenos guetos. Depende de cada professor, e da demanda de cada curso, (...). (Késia)*

Desta forma, segundo a entrevistada, os cursos têm por objetivo abraçar todos os funcionários das escolas para que assim estes trabalhem em conjunto. Késia nos fala da importância de oferecer cursos que não limite o professor, mas que o estimule a não trabalhar sozinho. Ela também nos fala do objetivo dos cursos:

*O objetivo dos cursos não é transmitir um conhecimento, o professorado que vem pra cá ele tenha uma troca de experiência, tenha contato com novas metodologias e principalmente um embasamento teórico prático de suas ações que podem estar trazendo discussões, levantamentos, teorias, mas que não são verdades absolutas, essa é a dinâmica que a gente tenta trazer. (Késia)*

A fala de Késia afirma que os cursos não são pensados com o intuito de transmitir conhecimentos, como se os mesmos tivessem a intenção de mostrar “*como fazer*” para os professores. Os cursos teriam, segundo a entrevistada, o intuito de fazer com que os educadores melhorem a sua prática em sala de aula através da troca de experiências, pois assim os mesmos podem compartilhar as suas dificuldades e anseios com os seus colegas de profissão tendo um embasamento teórico necessário para esta reflexão. A partir dessa prática todos aprenderiam um pouco mais, desde os professores que buscam os cursos, como os professores que estão ministrando-os. Percebemos esta relação através da fala de Ana Beatriz que diz:

*Ninguém responde tudo que o outro precisa. Não é esse o propósito do curso. Quando a gente busca um curso de formação continuada ou qualquer outro curso, na verdade você vai estar levantando inúmeras outras questões, as demandas sempre virão, pois somos seres pensantes até o último suspiro de nossas vidas, (...). (Ana Beatriz)*

Segundo Ana Beatriz, os cursos não irão responder a todas as questões que são pertinentes durante a realização dos mesmos. Até porque várias outras questões são levantadas a partir de uma inquietação, por isso os cursos visam à discussão de certo

assunto para que assim possa haver um desdobramento deste, trazendo para a discussão outras questões pertinentes.

Enfim, o importante, segundo a entrevistada, é a qualidade dos cursos, como nos diz Késia: “(...) *o que a gente intenciona é estar cada dia promovendo um trabalho com qualidade para que o professor tenha um espaço realmente de elaboração de troca e reelaboração de suas verdades e seu conhecimento.*” Assim, a intencionalidade dos cursos a serem promovidos seria, segundo Késia, de desenvolver um trabalho de boa qualidade para que possam refletir no cotidiano escolar, melhorando cada vez mais a educação oferecida no município de São Gonçalo.

Raquel também nos fala um pouco de como são pensados os assuntos a serem abordados nos cursos:

*São feitas entrevistas. Cada coordenadora escolar faz uma entrevista sobre a necessidade com as coordenadoras pedagógicas das escolas, e elas dizem a necessidade de seus professores, pois aqui cada uma fica responsável por uma área, eu fico na coordenação do 2º segmento, a Eliane fica pelo EJA, e temos a autonomia para planejar um curso e oferecer aos professores da rede. (Raquel)*

É afirmado pela entrevistada, que é feita uma abordagem para descobrir a demanda do professorado da rede. Uma maneira que a Secretaria de Educação achou para realizar esta abordagem foi o método da entrevista, onde cada responsável por determinado segmento na Secretaria de Educação procura saber quais assuntos são mais pertinentes com as coordenadoras pedagógicas das escolas, para que assim possam planejar um curso através daqueles assuntos. A partir desse levantamento feito, a Secretaria de Educação passa para o CREFCON os assuntos que serão discutidos nos cursos oferecidos pelo mesmo. A Secretaria de Educação também ministra alguns cursos. Eles são planejados por algumas coordenações escolares e as mesmas oferecem para os professores da rede. Como podemos observar na fala de Raquel, a Secretaria de Educação é distribuída em coordenações, cada segmento tem uma coordenação específica, sendo organizada assim: a educação infantil tem uma coordenação escolar destinada à educação infantil, há a coordenação do 1º segmento que abrange do 1º ao 5º ano, a do 2º segmento que abrange do 6º ao 9º ano, e tem também a coordenação escolar da Educação de Jovens e Adultos.

Procurando saber o que os professores pensam a respeito do CREFCON e dos cursos que são ministrados pelo mesmo, obtivemos as seguintes respostas:

*Poderia ser usado de forma a ajudar mais o professor na sua prática diária. Os cursos são muitos superficiais, e quase sempre não atinge os profissionais interessados. (Maria Simões)*

*Ter um lugar para fazer cursos é bom, mas precisa ser revista a questão do tipo de qualificação, precisando melhorá-la. (Selma).*

*Poderia ser melhor (Aline Borges)*

*É interessante termos um centro de formação continuada em nosso município. No entanto é preciso repensar a questão do tempo dos professores para estarem participando da formação e também uma melhor qualidade nos cursos oferecidos. (Aliane)*

Notamos através das falas das entrevistadas que o CREFCON não atinge a todos os objetivos propostos, pois os docentes sentem que a formação que lhes foi dada no Centro de Referência não ajuda na sua prática diária. As falas denunciam que são oferecidos cursos superficiais, e de baixa qualidade. No entanto, não são todos que acham que o CREFCON precisa de melhorias, tendo em vista que para alguns o CREFCON realiza um bom trabalho.

*Considero bom. (Maria de Fátima)*

*Oferece cursos bons, mas não há uma estrutura física para atingir a todos os profissionais da educação (Maria Cristina)*

*Acho que precisa de melhorias em suas estruturas, colocando cursos em horário do próprio trabalho já que o mesmo não oferece neste moldes. (Roseli)*

*Talvez, por falta de sorte, não seria apreciar a maioria dos cursos oferecidos pelo CREFCON, falta principalmente estrutura. (Angélica)*

Algumas levantam questões acerca da estrutura do Centro de Referência, pois não há espaço para ministrar cursos em determinados lugares onde o CREFCON disponibiliza algumas das suas atividades.

*Acho uma ótima opção para quem tem disponibilidade para fazer os cursos oferecidos, porém acho sua localização muito distante para muitos profissionais da rede, ele deveria estar localizado no centro da cidade. (Marilene).*

*Acho importante ter um lugar específico para o ensino, ou seja, a formação continuada. Só não acho a localização muito boa. (Patrícia)*

Algumas professoras falam a respeito da distância, pois o CREFCON fica muito distante, sem mencionar essa troca de lugar todo o instante. Yara nos fala um pouco sobre a falta de espaço, quando foi realizado um curso que tratava sobre legislação, na biblioteca do prédio da Secretaria de Educação, oferecido no início deste ano:

*(...) não existia estrutura nenhuma para dar o curso, a professora com um lap top com mais de 30 pessoas dentro da sala, quer dizer, como que você vê alguma coisa na tela desse jeito? É impossível, teve um outro curso que inclusive a Mônica fez, foi dado pela professora Enriette, um curso que falava sobre educação física, o curso estava marcado para as 8 e começou quase as 9 da manhã, lá dentro da SEMED, assim esses cursos que acontecem acabam sendo muito desorganizados porque as pessoas não tem referência e nem lugar. (Yara)*

Podemos perceber através da fala da entrevistada a falta de estrutura do CREFCON. Os professores reclamam sobre a ausência de lugar para realizar as suas atividades. O Centro de Referência oferece as suas atividades em locais inadequados. Como aconteceu no início do ano, na biblioteca da Secretaria de Educação, era impossível prestar a atenção numa sala tão pequena e com tanta gente. Para Yara, a falta de lugar para o CREFCON realizar as suas atividades mostra “(...) o absurdo e a falta de compromisso do município com os professores da rede.” Devido a essa situação percebemos a falta de consideração da prefeitura em deixar o CREFCON sem um local apropriado para realizar as suas atividades.

Enfim, Celina nos fala um pouco de como são feitas as avaliações dos cursos e diz:

*A gente utiliza algumas avaliações escritas ou até mesmo a dinâmica de aula pra estar sabendo qual o retorno que temos o que precisamos melhorar. É a partir dessa avaliação que pensamos os próximos cursos que formulam novas questões. (...) então a gente tá mandando pras escolas um questionário com pesquisa diagnóstica para a escola estar pontuando para a gente para conhecer um pouquinho, saber como estão neste momento às escolas, vê que tipo de tema quais as questões que acham que a gente possa estar trabalhando.*

Assim, vemos que há avaliações que são realizadas com o intuito de saber como os cursos foram visto pelos alunos. Estas avaliações são feitas através de questionário escrito ou na própria dinâmica feita em sala de aula. Essas avaliações são usadas também para rever alguns cursos, desta forma o CREFCON tem a noção de como os mesmos estão atingindo os educadores que freqüentam os seus cursos podendo, assim, aprimorá-los cada vez mais.

## **2.7 E OS PROFESSORES, PORQUE OS ESCOLHEM?**

Trago agora algumas falas de professoras que relataram sobre os cursos oferecidos pelo CREFCON. Essas professoras são questionadas por mim a respeito do por que procuram os cursos. Dizem elas:

*Para melhorar meus conhecimentos. Procurei buscar no CREFCON algo para acrescentar ao meu currículo. (Selma Bahia de Souza, há sete anos na rede municipal, graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia).*

*Pelo tema do curso e pela carga horária. (Patrícia Mathias Oliveira do Espírito Santo, há quatro anos na rede municipal, graduada em matemática).*

*Para aprimorar os meus conhecimentos na área da educação. (Aliane Rodrigues de Souza, há quatro anos na rede municipal, graduada em pedagogia e pós-graduada em avaliação educacional).*

*Para crescer profissionalmente. (Aline Borges, há quatro anos na rede municipal, está no 2º período de pedagogia).*

*Para o crescimento da minha formação. (Maria Simões Filenes de Souza, nove anos na rede municipal, graduada em pedagogia e pós-graduada em gestão escolar).*

*Porque entendo que enquanto educadora precisamos sempre estar atenta às novas mudanças. (Roseli Nunes do Nascimento, há quatro anos na rede municipal, graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia).*

*Para fazer cursos voltados para a minha área que é a Educação Infantil. (Maria Cristina Babo da Silva Bahia, há dez anos na rede municipal, formada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia).*

A partir das falas das professoras percebemos que muitas procuram o CREFCON com o intuito de aprimorar os seus conhecimentos, acrescentando algo a mais em seus currículos.

Já algumas fazem os cursos oferecidos pelo CREFCON porque a coordenação da escola disponibilizou um horário para fazerem os cursos, e tem aquela que não tem tanto contato com o CREFCON, como vemos nas falas a seguir:

*Ultimamente não tenho feito nenhum curso no CREFCON. (Maria de Fátima A. Barbosa, há sete anos na rede municipal, graduada em pedagogia).*

*Na verdade não o procurei, como outros professores fui solicitada a fazer alguns cursos no início do ano letivo, dentro do meu horário de trabalho. (Angélica Cardoso Carvalho, há onze anos na rede municipal, formada em letras (português/literatura) e pedagogia).*

*A coordenação, algumas vezes, informa os cursos oferecidos pelo CREFCON, mas raramente podemos fazer, pois não somos dispensados. (Marilene Rocha de Souza Peixoto, há dezoito anos na rede municipal, graduada em letras e pós-graduada em gestão escolar).*

Yara, em entrevista dada no SEPE (Sindicato Estadual dos Professores) nos conta um pouco de como é vista a formação dos professores da rede pelo SEPE:

*Na realidade, ele não está sendo usado com a finalidade dele, que é a formação dos professores que é muito importante e necessário. Mas a rede acaba não fazendo devidamente porque a formação de professores não pode ser só aperfeiçoamento a cada início de ano, a formação dos profissionais da educação como um todo tem que se dá de forma muito mais efetiva que isso. (Yara)*

Segundo a entrevistada, a formação continuada que é oferecida pela rede municipal de São Gonçalo não ocorre efetivamente, sendo realizada em espaços inadequados, sem a mínima estrutura física. Ocorre somente em determinados momentos, principalmente no começo do ano. Podemos fundamentar esta afirmação através das falas dos professores, participantes ativos desse processo de formação, oferecido pelo município de São Gonçalo. Os mesmos dizem:

*Os cursos são oferecidos em horários que não podemos participar. (Maria de Fátima A. Barbosa).*

*Os cursos são oferecidos fora do nosso horário de trabalho e coincidem com outras ocupações. (Angélica Cardoso Carvalho).*

*Os cursos são oferecidos em horários que não podemos participar, pois não disponibilizamos de tanto tempo. (Selma Bahia de Souza).*

*Na maioria das vezes o horário da formação coincide com o horário de trabalho. (Aliane Rodrigues de Souza).*

*Com a vida corrida fica difícil encontrar tempo para fazer os cursos. (Patrícia Mathias Oliveira do Espírito Santo).*

Através de algumas falas das professoras da rede municipal percebemos que nem sempre os cursos oferecidos pelo CREFCON conseguem atingir todos os professores. Tendo em vista que os mesmos acabam sendo realizados num determinado horário que o professor já tem compromisso. Além disso, os cursos não conseguem atender as demandas do professorado, como as mesmas nos dizem nas falas abaixo:

*Os cursos oferecidos são de baixa qualidade, não atendendo as nossas expectativas. (Marilene Rocha de Souza Peixoto).*

*Os cursos não conseguem passar a proposta na íntegra. (Maria Simões Filenes de Souza).*

*Os cursos não conseguem suprir as nossas necessidades em sala de aula. (Maria Cristina Babo da Silva Bahia).*

Já algumas professoras não vêem desvantagens nos cursos oferecidos pelo CREFCON, sendo de grande importância para a sua formação:

*Para mim não há desvantagem. (Aline Borges).*

*Não vejo desvantagem, uma vez que o profissional está se atualizando.*  
(Roseli Nunes do Nascimento).

Yara faz uma crítica sobre a formação continuada dos profissionais da educação na rede municipal, que segundo ela não acontece efetivamente, como nos esclarece abaixo:

*Se eu pudesse mudar alguma coisa eu queria que a formação continuada dos profissionais da educação da rede acontecesse verdadeiramente e não esses cursinhos e palestras a cada início de ano. Por que a gente sabe que não é isso que vai formar o professor efetivamente, se eu pudesse mudar alguma coisa. A luta que o sindicato faz com cobranças, com tudo é para que isso se modifique.* (Yara)

Notamos que a entrevistada, como porta voz do SEPE, nos fala de uma formação continuada que não é coerente, não suprimindo as reais demandas do professorado da rede, pois esta formação é realizada em determinados momentos, fora do contexto. Como diretora do SEPE, ela tenta junto aos seus colegas de luta mudar essa situação, buscando uma melhor educação para os alunos da rede municipal.

## **2.8 OS CURSOS OFERECIDOS DESDE A SUA INAUGURAÇÃO EM 2005 ATÉ O 1º SEMESTRE DE 2009.**

Desde o primeiro contato que fiz com Adriana, pedi que, se possível, me disponibilizasse as ementas dos cursos que foram oferecidos no CREFCON desde a sua inauguração até agora. Em algumas listagens há dados contendo o nome da atividade, o professor que irá ministrá-la, o público alvo, número de vagas e a ementa do curso. Nem todas as listagens contêm todas essas informações, então segui a linha de pensamento das outras listagens, para que assim pudesse torná-las uniformes.

Analisando os cursos que foram oferecidos desde a inauguração do CREFCON, podemos notar que o mesmo tenta atingir todas as áreas do conhecimento, fazendo uma ampla discussão acerca dos assuntos que foram trabalhados.

Em sua primeira atuação em 2005 o CREFCON realizou oito atividades<sup>8</sup>. No ano de 2006 foi realizado um total de 153 cursos, distribuídos em: mês de fevereiro com 43; 1º semestre realizaram 32; 2º semestre realizaram 43 atividades e a 1ª Jornada de Educação realizando 32. Em 2007 foram feitas 37 atividades distribuídas no mês de

---

<sup>8</sup> Digo atividades, pois o CREFCON oferece cursos, palestras, oficinas, troca de experiências, passeio cultural entre outros.

janeiro com 22 e no mês de fevereiro com 15. Já no mês de 2008 só foram programadas 13 atividades para serem feitas no mês de fevereiro. Em 2009<sup>9</sup> serão realizadas 40 atividades, 11 em fevereiro e 29 no 1º semestre de 2009.

Nota-se que em todos os anos foram realizadas atividades com os professores antes do início do ano letivo, ocorrendo no mês de janeiro ou fevereiro. São atividades que a Secretaria de Educação propõe que o CREFCON realize com os profissionais da educação na primeira semana de aula, aquela que os professores vão para as escolas fazer o planejamento.

Os cursos realizados pelo CREFCON tentam abraçar todos os profissionais da educação. Podemos constatar esta situação através da tabela embaixo:

Ano vigente	Profissionais da educação	Professores em geral	Diretores, Orientadores supervisores e Coordenadores pedagógicos	Comunidade	Secretaria	Total
2005	5	2	1	0	0	8
2006	44	96	4	7	2	153
2007	1	30	3	2	1	37
2008	1	11	0	0	1	13
2009	7	31	1	0	1	40
Total	58	163	9	5	5	251

Podemos perceber nesta tabela que o ano que o CREFCON ofereceu mais cursos foi em 2006, pois foi o único ano em que o mesmo atuou integralmente, pois de acordo com a fala de Celina: “*Em 2007 a gente fechou um pouquinho os cursos para fora e repensou a proposta curricular da rede*”. Voltando a atuar somente no mês de fevereiro de 2008 quando foi solicitado pela Secretaria de Educação a oferecer cursos para os professores da rede municipal que estavam voltando de férias.

Constatamos que são oferecidos mais cursos para os professores em geral, desde a educação infantil até o ensino médio. Há projetos que tem como público alvo a comunidade, fazendo com que a mesma faça parte das atividades a serem ministradas.

---

<sup>9</sup> Ainda não foram realizadas todas as atividades programadas. Só as do mês de fevereiro.

Podemos observar através da ementa dos cursos que serão ministrados em 2009, que as atividades tratarão sobre a reforma na ortografia, tentando atingir a todos os professores da rede. Vemos na listagem dos cursos que foram oferecidos na primeira atividade realizada este ano, em fevereiro, que já foi oferecida uma oficina sobre “Reforma ortográfica da Língua Portuguesa” com 40 vagas distribuídas em duas turmas no turno da manhã e da tarde. Houve também uma palestra sobre o novo acordo ortográfico oferecida por dois dias e em horários diferentes, no total de 200 vagas. No primeiro semestre de 2009 também serão oferecidas duas oficinas sobre a reforma ortográfica da língua portuguesa com a carga horária de 50 horas. Observando as ementas das atividades a serem realizadas em 2009, percebemos que estes cursos tentam ser oferecidos para todos os professores, tendo a disponibilidade de fazê-lo em diferentes horários. Mas como as professoras dizem: os cursos não conseguem atingir a todos os professores da rede, tendo em vista aqueles educadores que trabalham em outro lugar e não podem ser liberados para fazerem os cursos em seu horário de trabalho.

## **2.9 NOVA PROPOSTA CURRICULAR**

O currículo dos cursos do CREFCON foi utilizado até 2007, quando a equipe resolveu revisá-lo, fazendo uma nova proposta curricular, Celina nos explica um pouco como isso ocorreu, nos dizendo:

*Em 2007 a gente fechou um pouquinho os cursos para fora e repensou a proposta curricular da rede. Foi a equipe do CREFCON que montou uma proposta. A gente fez um estudo da proposta vigente, a gente levantou uma outra proposta, foi para as escolas, discutimos, realizou algumas plenárias para estar discutindo a proposta com todas as escolas com todos os professores de todos os segmentos e aí a gente chegou a uma proposta definitiva. No ano passado em 2008 nós fizemos a revisão dessa proposta novamente como uma forma de estar se concretizando mesmo, se fortalecendo. Ela foi encaminhada para o conselho municipal, ela já foi aprovada só está faltando ver o ensino religioso que não tinha entrado na época, mas já estamos fazendo essa discussão pra poder entrar em vigor, mas ela já está aprovada pelo conselho municipal.*

Késia nos conta um pouco de como está sendo feito este trabalho:

*A nova proposta curricular está sendo pensada desde o final do primeiro semestre de 2007. Desde julho de 2007 começamos a elaboração da proposta curricular para a rede, que era uma demanda que a Secretaria de Educação tinha solicitado para a equipe, fazer uma análise do que existia e de uma nova grade curricular para a educação. Foi feito uma plenária de aprovação junto às unidades escolares, nosso grupo montou, mandamos pra escolas, as escolas fizeram as avaliações, nós retornamos, fizemos uma*

*relaboração, nós voltamos a fazer plenárias com as escolas para aprovação dos professores, e mandamos para a Secretaria de Educação depois disso. Agora foi nos solicitado um novo envio e a gente está enviando novamente, a gente está na parte de avaliação das escolas para ver se o documento consegue sair no 2º semestre. Uma proposta curricular para toda a rede sabendo que essa proposta curricular, é uma proposta que vai estar nortando todas as unidades escolares, mas há uma adequação que cada unidade precisa fazer por conta de cada metodologia que cada unidade vai usar.*

Vemos que em 2007 começou-se a pensar numa nova proposta curricular tentando suprir as demandas dos professores, tendo como orientação as discussões feitas nas escolas, visando à melhoria na qualidade dos cursos a serem oferecidos. Percebe-se que são feitas discussões com todas as unidades escolares para saber se as mesmas estão de acordo com a nova proposta curricular, e caso ao contrário volta ao CREFCON para ajustar o que for necessário, encaminhando novamente para as escolas e também para a Secretaria de Educação. A proposta curricular foi revista em 2007 e depois de um ano e meio o CREFCON voltou a oferecer cursos com base na nova proposta curricular. Os cursos que foram pedidos pela Secretaria de Educação para serem realizados em fevereiro de 2009, uma semana antes do início das aulas, estes foram baseados na nova proposta curricular, e os que oferecerão no 1º semestre de 2009 também serão baseados neste novo currículo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A conclusão não proporá nenhuma certeza. Os canteiros estão abertos, não estão prontos para serem fechados; então continuemos! Phillipe Perrenoud.*

A fala de Perrenoud nos mostra que ao término do trabalho, sentimos que ainda há muito que se discutir, pois o tema nos oferece várias linhas para serem tecidas. Ao chegar nesta fase de conclusão do trabalho monográfico, sinto vontade de continuar levantando questões acerca da formação continuada. Penso que ainda não disse tudo o que tinha para falar, mas como o prazo já está se esgotando e a minha saída da faculdade já está chegando, vejo que é hora de concluir e seguir a minha vida. Sei que deixo uma boa colaboração para os que vêm a seguir, já que esta pesquisa sobre a formação continuada oferecida pelo município de São Gonçalo é a primeira a ser desenvolvida na UERJ FFP.

Com este trabalho monográfico pude conhecer um pouco mais a respeito da formação continuada, em especial aquela oferecida pela Secretaria de Educação aos profissionais do município de São Gonçalo. Através de relatos de pessoas envolvidas no processo de implementação do CREFCON, compreendi melhor de que maneira esta instituição é estruturada, para que assim, possa atender aos profissionais da rede, tentando contemplar a sua formação.

Para mim, foi uma grande aprendizagem escrever este texto monográfico. Percebi que sou capaz de fazer um trabalho autoral, me superando a todo o momento.

Todos os sujeitos entrevistados foram muito solícitos, estando sempre disponível a conversar comigo a respeito do meu tema. Mas, uma das maiores dificuldades que encontrei foi a falta de disponibilidade da Secretaria de Educação em autorizar a minha entrevista com os profissionais envolvidos em minha monografia. Esta situação acarretou uma dificuldade de complementar alguns dados necessários na pesquisa, pois os entrevistados não respondiam aos meus contatos. Creio eu que os mesmos ficaram receosos ao falar a respeito de um órgão público sem a autorização do mesmo. Por isso, algumas questões que deveriam ser mais explícitas, não puderam ser, devido a esse silenciamento dos entrevistados.

A partir das falas dos entrevistados, podemos notar que há diversas maneiras de conceituar a Formação Continuada. Nas entrevistas realizadas, tive como base o Centro de Referência em Formação Continuada; um local destinado à formação dos

profissionais da rede municipal de São Gonçalo, tendo em vista que o mesmo oferece uma formação pautada em mini-cursos, palestras e oficinas.

Alguns professores entrevistados que já participaram de alguma atividade oferecida pelo CREFCON, conceitua a Formação Continuada como uma maneira de melhorar a sua formação, procurando refletir sobre a sua prática em sala de aula, para que assim possa oferecer o melhor para os seus alunos. CUNHA (2006) nos fala que:

*Cuidar da própria formação (estar motivado a estudar) está sendo entendido como necessidade de sentir-se bem, valorizar-se, dar sentido ao trabalho, responder aos desafios da prática. É uma combinação que associa satisfação pessoal e desenvolvimento profissional. Formar-se é tornar-se melhor. (CUNHA, 2006: 81)*

A fala de Cunha nos mostra a importância do educador em se preocupar com a sua formação. O professor precisa sentir a necessidade de completar a sua formação, seja fazendo uma especialização, mestrado ou doutorado e até mesmo cursos com temas específicos. Vemos que os mesmos têm como foco o seu aluno em sala de aula, tentando responder as expectativas do seu alunado, percebemos essa preocupação na fala de XAVIER (2007):

*Cada vez mais crianças e adolescentes de diferentes culturas chegam à escola em busca de algo mais do que a simples transmissão de conhecimentos socialmente aceitos. Eles querem algo que os estimule tanto quanto o mundo que os cerca. Precisam de informações, imagens, sons e ações que os desafiem e os façam protagonistas na vida real e virtual, e em um mundo que se propõe, simultaneamente e contraditoriamente, a ser competitivo e cooperativo. (XAVIER, 2007: 1)*

Como XAVIER (2007) nos aponta um dos motivos para os professores estarem sempre em processo de formação, seria a necessidade de corresponder as diferentes expectativas dos seus alunos. Visto que, muitos discentes chegam à sala de aula com sede de conhecimento, querendo aprender tudo que está ao seu redor.

Podemos notar que este tipo de formação oferecido pelo CREFCON, tende a sistematizar a formação que está sendo dada aos professores, pois como nos diz Nóvoa APUD Aguiar (2006):

*A formação não se constrói por acumulação (de cursos, conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (Nóvoa APUD Aguiar. 2006: 3)*

Baseando-se na fala de NÓVOA (1991), vemos que participar somente desses cursos não suprem a necessidade dos professores em esclarecer sobre as suas dúvidas e

anseios acerca da educação, pois para alguns professores: “a uniformização de conteúdos que, muitas vezes, são insuficientes para dar-lhes subsídios teóricos e práticos capazes de ajudá-los a assumir autonomamente os processos de construção de suas práticas pedagógicas”. (RANGEL, 2006: 4) Por isso, torna-se preciso que haja uma reflexão entre a teoria e a prática, valorizando também a experiência do professor, para que o mesmo se sinta importante no meio onde atua. Vemos que estes cursos tentam atingir o maior número de professores, mas não consideram a heterogeneidade dos mesmos, pois cada um tem uma prática diferenciada. Nota-se através das entrevistas, que o professor está sempre buscando o conhecimento, seja através do CREFCON, ou aumentando a sua titulação.

Outra fala a respeito da formação contínua é de AGUIAR (2006), que diz:

*(...) a formação contínua não é algo que possa ser eventual, nem tampouco um instrumento para suprir deficiências da formação inicial malfeita ou que deixou a desejar, é sempre parte integrante da prática profissional do professor e deveria ter a mesma importância da formação inicial. (AGUIAR. 2006: 15)*

Enfim, como nos afirma a autora, a formação continuada não pode ser dada em ocasiões distintas, sendo um processo sem nexos para o professor, tentando suprir certas lacunas deixadas pela formação inicial. A formação contínua deve ser considerada uma formação tão importante quanto à formação inicial.

Alguns entrevistados conceituam a formação continuada como uma forma de melhorar a sua formação, dando continuidade a mesma. Nota-se que para alguns entrevistados a formação deve ser constante, pois o professor não deve se estagnar, achando que só a sua formação inicial já é o bastante, mas sim procurar alguns meios para que se torne cada vez mais um bom profissional.

Enfim, podemos observar através das falas dos entrevistados que todos demonstram uma preocupação com a sua formação, pois segundo AGUIAR (2006): “(...) o próprio processo de desenvolvimento pessoal do professor o leva a transformar suas crenças, valores, hábitos, atitudes e formas de se relacionar com a vida e, conseqüentemente, com a profissão”. (2006: 15) Com isso, o professor deve sempre refletir sobre a sua prática, para que assim se torne um bom educador, oferecendo uma educação de qualidade para os seus alunos.

Por fim, concluo que a intenção da Secretaria de Educação do município de São Gonçalo de oferecer aos seus profissionais da educação um Centro de Referência em Formação Continuada, para que o mesmo auxilie os profissionais em sua área de

atuação é muito boa, mas percebemos através das falas de quem participa desde processo de formação, que o Centro de Referência não consegue suprir as demandas, oferecendo cursos em lugares inadequados, e deixando boa parte dos profissionais da rede de fora. Creio eu que o que falta ao CREFCON é uma oportunidade de ter um devido reconhecimento, principalmente por parte dos governantes, para que assim, ele possa oferecer uma melhor formação continuada aos profissionais da rede de São Gonçalo. Acredito que se a Secretaria de Educação disponibilizasse um local adequado para o Centro de Referência se instalar, com uma boa estrutura física e equipamento adequado, quem sabe assim ele pudesse atender a todos os profissionais da rede. Oferecendo uma boa formação para os seus professores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABICALIL, Carlos Augusto, Luiz Augusto Passos *et al* *Formação Continuada e Valorização Profissional In Retrato da escola no Brasil*. Brasília: s.d., 2004.
- AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. *Implicações da formação continuada para a construção da identidade profissional*. 29º reunião da ANPED. Caxambu, 2006.
- ANDRÉ, Marli, SIMÕES, Regina H.S. *Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil*. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.
- ANTUNES, Ana Bela, CAMPOS, Maria Clementina Castro. *Terminologia de Formação Profissional*. CIME, Lisboa, 2001.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Plano Municipal de Educação de São Gonçalo, 2004.
- CARVALHO, Claudia Maria de Almeida: *Arte e alfabetização*. Shvoong, 2007. disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1623058-arte-na-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em: 18 de agosto de 2008.
- COSTA, Michelle Ribeiro Pinto. *O Papel do gestor frente aos desafios educacionais*. S/D. Disponível em: <http://www.lo.unisal.br/nova/estagio/arquivos/Artigo%20Pedagogia.doc> Acesso em 1º de outubro de 2008.
- CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo. *Pelas telas, pelas janelas : a coordenação pedagógica e a formação de professores nas escolas*. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas. 2006.
- ESTRELA, Maria Teresa. *A Formação Contínua entre a teoria e a prática*. IN FERREIRA, N. S. C. (org). *Formação continuada e Gestão da Educação*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- FÁVERO, Leonor Lopes Maria Lúcia da C. V. de O. Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. *Discurso e Interação: a Reformulação nas Entrevistas*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada DELTA v.14 n.especial São Paulo 1998.
- FISCHER, Héden, In SPEZIA Mariana. *Parecem iguais, mas não são...* Comunidade Vip. S/D. disponível em: <http://www.institutoagilita.com.br/Comunidade%20VIP%20Parecem%20Iguais%20Mas%20no%20so.pdf> Acesso em 30 de setembro de 2008.
- GONÇALVES, Marluce Torquato Lima, NUNES, João Batista Carvalho, *Tecnologias de informação e comunicação: limites na formação e prática dos professores* In:

Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Caxambu, 2006.

HYPOLITTO, Dinéia. *Formação Continuada: dos desafios às possibilidades no cotidiano escolar*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

LUFT, Minidicionário. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos (org): *Crianças essas conhecidas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: Editora PD&A. 2002.

MOREIRA, Herivelto, Luiz Gonzaga Caleffe. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Editora DP&A. Rio de Janeiro: 2006.

NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. “*Quem viaja muito tem o que contar*”: *Narrativa sobre percursos e processos de formação de professores da educação básica*. 2006. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2006.

NOVELLO, Jaqueline C. Lickfeldt, *Formação Contínua de Professores: Relato de uma experiência*, In: IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola, 2003. Lajeado. UNIVATES – Centro Universitário. 2003.

NUNES, Cely do Socorro Costa. *Os sentidos da formação contínua de professores. o mundo do trabalho e a formação de professores no Brasil*. 2000. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2000.

PENHA, Raimunda Barbosa de Araújo: *Alfabetização como resgate histórico : memorial de formação / Raimunda*. Campinas, SP : [s.n.], 2006.

PIZA, Zélia de Toledo. *Técnicas em disciplina*.\_S/D. O homem e o Universo. Disponível em: [http://br.geocities.com/rppiza/psicologia/tecnicas\\_de\\_disciplina.htm](http://br.geocities.com/rppiza/psicologia/tecnicas_de_disciplina.htm)  
Acesso em: 1º de outubro de 2008.

PRADO, Guilherme do Val Toledo, SOLIGO Rosaura: *Porque escrever é fazer história*. Campinas: Editora Graf, 2005.

\_\_\_\_\_: *Formação, aprendizagem e cultura experiencial*. S/D.

OLIVEIRA, Luciana Castro. *A Formação Continuada Docente em Juiz de Fora: construindo a “Escola do Caminho Novo”?* Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

RANGEL, Iguatemi Santos. *A Formação continuada de professores da educação infantil no sistema municipal de ensino de Vitória: um confronto entre as propostas oficiais e a opinião dos professores*. 29º reunião da ANPED. Caxambu, 2006

SANTOS, Inês Henrique dos. *Educação continuada a margem: GEPEC – formação acontecendo nas brechas das instituições escolares*. Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2004.

SANTOS, Edlamar Oliveira dos. *Concepções e práticas de formação continuada: Aproximações e distanciamentos de uma política em construção*. VII Seminário Redestrado – Nuevas regulaciones em América Latina Buenos Aires. 3,4 e 5 de julho de 2008.

SOUZA, Tatiana Yokoy de, Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco e Claudia Santos Lopes de Oliveira. *Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais*. Fractal, Revista Psicologia vol.20 no.2 Rio de Janeiro jul./dez. 2008.

VLIESE, Taísa. *Autonomia, autoridade e autoritarismo na educação de crianças*. Mãenhês 2007. disponível em: <http://www.maenhes.com.br/detalheArtigo.php?id=66>  
Acesso em: 20 de agosto 2008.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org): *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

XAVIER, Giseli Pereli de Moura. *A Formação continuada dos profissionais da educação e o desafio de pensar multiculturalmente uma escola pública de qualidade*. 30º Reunião da ANPED. Caxambu, 2007.

## ANEXOS

### ENTREVISTA COM MIRTES E CELINA

1- Com surgiu o CREFCON?

(Celina) O CREFCON surgiu da necessidade do município ter um centro de formação continuada para os seus professores. (Mirtes) Porque em São Gonçalo não havia isso, havia anteriormente um local que trabalhava com os PCN's. (Celina) Tinha uma coordenação de formação continuada, mas voltados para os PCN's do MEC depois o próprio plano de educação consta lá uma criação de um centro de formação continuada, aí veio à criação em novembro de 2005. Criou-se o espaço CREFCON com equipe especializada voltada para a questão da formação continuada procurando atender a rede municipal.

2- O CREFCON seria pensado pela secretaria municipal?

(Mirtes) Podemos dizer que o CREFCON é um segmento da Secretaria de Educação. (Celina) É um projeto da secretaria de educação, está vinculado diretamente a Secretaria de Educação. (Mirtes) No Estado existe já vários cursos voltados para a formação continuada, tem um trabalhado voltado para professores gestores, e o município até o momento não atendia a isso, não atendia a essa clientela, mas aí eu me lembro que outros municípios já criaram seus espaços de formação continuada a muito tempo. Por exemplo, Araruama... Já tem esse centro de referência, só não tem essa nomenclatura CREFCON, mas é um centro de formação continuada. Petrópolis tem um trabalho específico, tem outros municípios que nós conhecemos em outros Estados também que já trabalham neste sentido, que estão investindo na formação continuada de seus professores. A gente atende mais ao município porque foi criado pelo município, mas tem cursos que a gente atende também a rede do Estado. Mas a prioridade são os professores do município.

3- Há quanto tempo você está no CREFCON?

(Mirtes) Eu estou desde o início, mas eu sai, fiquei 2 anos fora e depois eu retornei, mas o trabalho sempre foi este. Sendo que nós já mudamos algumas vezes de local. Agora a gente tem uma proposta da Secretaria de trabalhar o CREFCON Itinerante, os professores vão a outras instituições para estarem oferecendo cursos de formação continuada para os professores, assim, pegamos uma escola pólo aí as escolas próximas daquela ali são convidadas para participar dos cursos. A gente está meio iniciando este trabalho.

4- Como os professores foram selecionados para participar da criação do CREFCON?

(Mirtes) Através do currículo. (Celina) Os professores mandaram os seus currículos. Foi uma seleção bastante rigorosa. Na primeira reunião do CREFCON que teve foi na Secretaria de Educação. Eu me lembro que eu faria parte da equipe, o pessoal estava numa felicidade. Essas pessoas mandaram os seus currículos por e-mail e entregaram na Secretaria, teve uma equipe da supervisão que avaliaram o currículo de todo mundo e

convocou uns 20 professores da rede. Ai teve a primeira reunião com o secretário de Educação que era o Eugenio e o superintendente, com a subsecretaria da educação que era Denise Mexas. A Luciana era a diretora do CREFCON. Eram pessoas com bons currículos, que foi difícil de escolher.

5- Qual a formação da equipe do CREFCON?

(Celina) A equipe tem no mínimo especialização. Todo mundo tem como formação mínima especialização, a maioria tem mestrado, doutorado. E passaram por esse processo seletivo, não basta querer estar aqui, no período que acompanhei a seleção de professores, buscaram informações de como o professor era na rede, trabalhos feitos, para poder saber como o professor estava atuando. Mas eram todos da rede, que trabalharam nas escolas, para compor a equipe do crefcon.

6- Como foi montada a equipe na época?

Naquela época tinha professor de diversas áreas, tem professor na área de português, professor na área de matemática. Procurou pegar cada área de conhecimento os professores, os professores especialistas em educação. Todo mundo dentro de uma área. Para atender o máximo possível nas áreas trabalhadas nas escolas.

7- Os cursos eram realizados no prédio anexo da prefeitura?

(Mirtes) Os cursos eram realizados lá mesmo, agora nós temos que mudar o local, teremos cursos no abrigo, teremos cursos no portal ao lado do Castelo Branco. Nós vamos ter curso no Castelo Branco, nós vamos ter vários locais onde vão acontecer cursos em março em abril, pois não temos sede própria. Tínhamos essa sede em Neves e aconteceu né, agora estamos aguardamos para ver se conseguimos.

8- Como foi pensado o currículo do CREFCON?

(Celina) Alguns projetos são implantados dentro da própria equipe, a gente discute, vê as questões que estão entorno das realidades das escolas. Em alguns momentos a própria Secretaria de Educação solicita, algum exemplo, alguma atividade voltada para uma questão ou problemática específica. Alguns cursos são tirados a partir de outros cursos, ai temos contato com o professorado, o professorado começa a comentar ai começa a ter idéias de atividades que podem ser desenvolvidos. Neste momento os cursos estão sendo pensados a partir da proposta curricular que a gente planejou. Em 2007 a gente fechou um pouquinho os cursos para fora e repensou a proposta curricular da rede. Foi a equipe do CREFCON que montou uma proposta. A gente fez um estudo da proposta vigente, a gente levantou uma outra proposta, foi para as escolas, discutimos, realizou algumas plenárias para estar discutindo a proposta com todas as escolas com todos os professores de todos os segmentos. E ai a gente chegou a uma proposta definitiva, no ano passado em 2008 nós fizemos a revisão dessa proposta novamente como uma forma de estar se concretizando mesmo, se fortalecendo. Ela foi encaminhada para o conselho municipal, ela já foi aprovada só está faltando ver o ensino religioso que não tinha entrado na época, mas já está sendo feita essa discussão pra poder entrar em vigor, mas ela já esta aprovada pelo conselho municipal. O curso de fevereiro naquela semana de capacitação inicial, então a Secretaria nos solicitou que a

gente oferecesse atividades naquela semana inicial, então foram feitos cursos em cima dessa proposta.

Ela já está aprovada pelo conselho municipal, só está faltando a questão do ensino religioso que não impede dela entrar em vigor. Ela já foi aprovada, tanto pela rede quanto pelo conselho municipal de educação, já passou pela revisão pela secretaria.

9- Esta proposta tem tempo de duração?

(Celina) Eu acredito que a cada ano a cada 2 anos ela seja revisitada, quando colocada em prática mesmo a gente precisa a cada ano estar fazendo essa revisão. Nos próprios encontros nos próprios cursos do CREFCON for oferecendo vai fazendo isso, não é uma coisa fechada.

10- Há algum questionário que o professor responde para fazer uma avaliação do curso?

(Celina) A gente utiliza algumas avaliações escritas ou até mesmo a dinâmica de aula pra está sabendo qual o retorno que temos, o que precisamos melhorar. É a partir dessa avaliação que pensamos os próximos cursos que formulam novas questões. Neste momento do CREFCON Itinerante a gente tem uma proposta inicial que pode ser trabalhado nas escolas, então a gente está mandando pras escolas um questionário com pesquisa diagnóstica para a escola está pontuando para a gente para conhecer um pouquinho, saber como esta neste momento as escolas. Vê que tipo de tema quais as questões que acham que a gente possa estar trabalhando porque o CREFCON Itinerante vai estar sendo feito nas escolas procurando aproveitar o horário de planejamento. Então não vamos chegar de para quedas, nós vamos ouvir quais são as necessidades, e ai está juntando as afinidades das escolas por áreas de interesses, quais são os tipos de cursos oferecidos. Ai vai estar indo o questionário para dar este retorno.

Quanto tempo no crefcon?

(Mirtes) desde o começo... em 2005 eu fiquei em 2006 em 2007 não o ano todo, ai sai e estou retornando agora.

(Celina) eu cheguei em janeiro de 2006

11- Há algum arquivo com os cursos oferecidos?

(Celina) Nós temos tudo arquivado.. (Mirtes) Todos os cursos que foram feitos, até o novo currículo.

12- E o Ato de Criação do CEFCON?

O ato de criação ainda não foi oficializado, estamos esperando só a publicação. Já foi encaminhada para a procuradoria. Porque ele existe atuamos de forma concreta.

12- Porque a sigla CREFCON?

(Mirtes) Por causa do nome mesmo, que é Centro de Referencia em Formação Continuada, nem sei por que fizeram, mas deve ser um jogo de letras, e devem ter visto

a parte estética da palavra. Ai as pessoas não sabem e pensam que o nome é CREFECON, isso não é um nome é uma sigla.

13- Há quanto tempo na rede?

(Mirtes) 22 anos, como professora e também como direção e supervisão. No CREFECON eu era professora de literatura infanto, que era a minha área, eu sou pedagoga, mas a minha especialização é na área de literatura.

(Celina) Há 19 anos, no CREFECON desde 2006, trabalhava como diretora adjunta junto com a Ana Beatriz.

14- Como é o organograma do CREFECON?

Direção, secretaria e os professores pesquisadores, e também as coordenações.

15- Já mudou o organograma alguma vez?

(Celina) Já, em 2006 inicio de 2007 a gente trabalhava com os núcleos que era de acordo com a área de conhecimento. Em 2008 a gente começou a rever isso ai a gente pensou em trabalhar com coordenações, então tinha coordenação de formação continuada, coordenação de pesquisa, coordenação de avaliação. Cada um com o seu objetivo específico, ai a gente parou de oferecer os cursos para rever a proposta curricular, agora retornamos os cursos e devemos rever essa questão.

(Mirtes) serão oferecidos cursos com a nova proposta curricular em março e abril para os professores da rede.

16 -O que é formação continuada?

(Celina) É estar proporcionando espaços para o professor estar se aprimorando discutindo a sua realidade, buscando aprofundar os conhecimentos, trocas de experiências. Estar realmente aprendendo e reaprendendo, revendo os seus valores seus conceitos buscando a qualidade de ensino.

(Mirtes) Para mim é tudo, é estar se reciclando, se aprimorando. Você tem que estar em estudo em pesquisa, o professor não deve ficar estagnado, então quando a gente oferece esta chance do professor estar fazendo essa formação continuada, eu vejo isso como uma janela de grande de informação. Uma janela uma porta, tudo, por que é muito raro, porque a gente não tem muitas opções pra fazer cursos assim, particulares são caros, a gente também não tem muita oferta na área, assim, mais nas universidades a gente encontra. Em São Gonçalo não tem muitas ofertas, e eu acho que é uma coisa maravilhosa, muito boa mesmo para os professores, eu acho que é muito necessário. É necessário que o professor tenha essa consciência, de dedicar um tempo para fazer o curso, pois às vezes tem aquela questão do horário, o professor trabalha o dia todo e às vezes tem 2 matrículas. Mas eu acho que é necessário você estar se aprimorando, você estar revitalizando as suas forças, aprendendo coisas diferentes, vendo coisas diferentes, revendo a sua prática, ouvindo novas experiências, pois o que acontece nesses cursos que eu acho interessante é essa troca, porque acontece essa troca de experiências. Isso é muito importante para quem gosta do que faz, para que realmente ama o seu trabalho acho que vc tem que cada vez mais se aprimorando.

## 16- A formação continuada da rede municipal consegue atender a toda a rede?

(Mirtes) Eu acho que ainda não, porque tem essa questão das pessoas se adaptarem a horários e tudo, mas a gente procurar estar oferecendo cursos de acordo com a realidade, pra poder realmente estar aproveitando aquilo. Não é fazer um curso só para ocupar seu tempo, só para conseguir a pontuação, porque a gente tem uma gratificação, a cada 120 horas de curso 3% no salário.

(Celina) Tem essa ajuda que o professor recebe, mas independente disso que o professor procure por uma necessidade de crescimento próprio, porque atender toda a rede fica complicada, a gente tenta atender o maior numero possível. Vai depender muito de cada professor, eles não são obrigados a participar, eles são convidados, ninguém é dispensado para fazer o curso, o diretor não pode dispensar os professores para vir fazer o curso, infelizmente até seria interessante se tivesse uma escala e cada professor no bimestre tivesse um tempo para estar melhorar cada vez mais a sua prática.

(Celina) Parte da necessidade mas vai do interesse de cada um, do esforço que cada um vai fazer, da vontade que cada um tem de crescer de repensar a sua prática. É uma coisa do professor, a gente procura atingir o maior número possível da rede, mas vai de cada um.

(Mirtes) Só vai depender do professor, porque tem cursos que ele não pode fazer, porque é no horário que ele não pode, mas os cursos têm uma variedade de horários que ele vai encontrar um curso que ele gosta no horário que ele pode.

(Celina) Procuramos respeitar a realidade da rede. Há uma procura muito grande pelo CREFCON, mesmo mudando tantas vezes de lugar as pessoas conseguem localizar e perguntam.. Quando começa? Quais são os cursos?

## **ENTREVISTA COM KESIA E ANA BEATRIZ (CREFCON)**

1- Quem seria o responsável pelo CREFCON?

Diretora do CREFCON, Ana Beatriz Bezerra.

2- Esse CREFCON é o mesmo daquele de Neves?

(Késia) É o mesmo só mudou de lugar. Foi inaugurado em 2005, Lá em Neves o CIEP era cedido, e passamos pra cá. O CREFCON funciona desde 2005, antes era uma Coordenação de formação continuada da rede, e toda rede municipal de ensino tem que ter uma coordenação de formação continuada. Então a proposta da época do Secretário de Educação era ter um centro que pudesse atender a questão da formação continuada. Então veio o projeto do CREFCON e foi inaugurado em 2005. Embora os professores já ocupassem aquele espaço, já tivessem toda uma proposta, mas a inauguração foi em 2005 e os cursos foi a partir desse momento, era só um atendimento de formação continuada, como atividades importantes, cursos, mas não com a característica que a gente deu depois.

3- O CREFCON então estaria sistematizando a formação continuada?

(Ana Beatriz) O CREFCON foi uma proposta bem inovadora de um município ter um centro de referência para atender a formação continuada. O município tem que atender, ele tem que dar conta, é lei. De dar a contínua formação para os seus profissionais. Acho que foi a questão de ter um local, um grupo que pensasse só nisso, porque antes tinha todas as dificuldades, onde vai fazer o curso tal? A questão da estrutura física foi mais para facilitar o trabalho, e isso acabou envolvendo uma equipe toda voltada para isso, (Késia) E antes tinha-se uma proposta muito de atender a demanda que cada coordenação trazia por exemplo, não que hoje não tenhamos uma proposta de trabalhar juntos com a coordenação de educação infantil, 1º segmento, 2º segmento, mas hoje nós temos uma proposta também de ta levando pra rede o que a gente tem de novas teorias, de novas metodologias, de embasamento mesmo. Na realidade nós estamos somando as coordenações, e não sendo só o executor dessas ações.

4- Mas vocês trabalham desde o outro CREFCON?

Antes do CREFCON ser inaugurado tinha uma outra equipe.

5- Qual a formação dos professores do CREFCON?

(Ana Beatriz) Os professores do CREFCON eles têm que ter obrigatoriamente uma graduação e uma especialização no mínimo. E tem a questão do mestrado, uma pós-graduação estrito-sensu ou um doutorado. Ter na formação futatível com o que ela pretende trabalhar... (Késia) O CREFCON é uma formação continuada, então deve ser uma pessoa apta para dar cursos, e promover debates e encontros intelectuais. Hoje na equipe só tem 2 professores com especialização mas que já estão intencionando um mestrado, os demais tem mestrado ou estão concluindo, ou tem doutorado ou está concluindo doutorado.

6- Como os cursos são pensados?

(Késia) Os cursos visam atender as demandas que o professor que atua em sala de aula tem. Tenta atender através de temáticas ou aquelas que o próprio professor traz pra gente, uma pesquisa, ou o próprio levantamento que a gente faz nas unidades escolares e também trazer temáticas que estão em discussão na atualidade, no caso da educação infantil, a gente busca trazer cursos ligados a questão do letramento, ao currículo, do planejamento, do desenvolvimento infantil. Enfim, questões que são ligados tanto as dúvidas que o professor tem na ação cotidiana, na prática como também nas questões que estão sendo discutidas, entre os especialistas, ou na sociedade como um todo, enfim entre as demandas que a infância acaba trazendo pra gente. (Ana Beatriz) Partindo da demanda da escola, pra gente estruturar os cursos, os seminários, as ações que fizemos ate então foi partindo da demanda da escola, ou também de análise, da nossa própria análise, ou da análise da Secretaria de Educação das dificuldades que estão acontecendo. É o consenso falando, do que a gente está recebendo do que está ali, do que está em volta, atendendo as leis. (Késia) É atender também o que você tem de política pública para cada área, e da própria Secretaria de Educação e a gente está vinculado a própria Secretaria de Educação. Nós fazemos parte da Secretaria, então é importante que a gente esteja em consonância com os propósitos que a coordenações que estão com esse professorado nas unidades escolares tem. Porque fica parecendo que a gente está a parte disso, não na realidade é uma forma da gente estar levando a rede uma formação a qual a rede necessite através das coordenações dos professores e das próprias demandas que a gente levanta.

7- Como é a relação aluno-professor dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

(Ana Beatriz) Ninguém responde tudo que o outro precisa. Não é esse o propósito do curso. Quando a gente busca um curso de formação continuada ou qualquer outro curso. Na verdade você vai levantar inúmeras outras questões, as demandas sempre viram, pois somos serem pensantes até o último suspiro de nossas vidas. A relação do professor com o aluno, cada professor é de um jeito, alguns, são mais simpáticos, fazem uma aula dinâmica, outros mais fechados, o perfil do professor ou o perfil do aluno vai vir de acordo com cada um. Em geral a relação é muito respeitosa. (Késia) O objetivo dos cursos não é transmitir um conhecimento, o professorado que vem para cá ele tenha uma troca de experiência, tenha contato com novas metodologias e principalmente um embasamento teórico prático de suas ações que podem estar trazendo discussões, levantamentos, teorias, mas que não são verdades absolutas, essa é a dinâmica que a gente tenta trazer.

8- Tem algum documento oficial que legaliza o CREFCON?

(Késia) O ato de criação está em via de publicar, já está no “forno”, mas ainda não saiu, tem um ato de criação, já está pronto, mas tem uns caminhos burocráticos que a própria política faz. Está em via de ser oficializado, e sair. E o organograma através do ato de criação. Está tudo esquematizado é algo que a gente segue, mas que está ligado ao ato de criação.

9- Qual seria o organograma?

(Késia) Temos uma direção que é a Ana Beatriz, temos uma diretora adjunta que é a professora, Celina, uma secretária escolar, que é a Adriana, 3 coordenações, projeto e pesquisa com a Késia, cursos, com Eliane e curso preparatório com Sonia e temos os

professores pesquisadores. O fato de estarmos na coordenação não nos tira de estarmos em sala de aula, então nós podemos ministrar cursos. Os professores têm o objetivo de promover esses cursos. As coordenações estão subsidiando esses cursos, de levantar as demandas, estar assessorando. É um trabalho de equipe, uma equipe que entende que todos são necessários para que esse trabalho ocorra da forma como ele ocorre da melhor qualidade possível. Na realidade o que a gente intenciona é estar cada dia promovendo um trabalho com qualidade para que o professor tenha um espaço realmente de elaboração de troca e relaboração de suas verdades e seu conhecimento. Tem cursos para todos os seguimentos.

10- E os cursos abrangem só os professores?

(Késia) Tem cursos que não precisa ser necessariamente só professores de 1º segmento ou 2º segmento. Na realidade o que a gente intenciona é atender a todo o profissional que atua na unidade escolar. Merendeiro, servente, administração. Nós temos cursos específicos para cada área. A gente acredita que a formação é um processo, não é uma coisa estanque, não adianta você ter uma formação apenas voltada para um curso específico, e na realidade amarrar eles em pequenos guetos. Depende de cada professor, e da demanda de cada curso, tem professor que oferece o mesmo curso.

11- Existe só uma turma, ou outras turmas? Pois há várias escolas interessadas no mesmo curso.

(Késia) 2 vezes na semana, vai depender também da proposta do curso. (Késia) Há proposta de grupos de estudos, tanto os grupos de estudos pode ser proposto por profissionais que compõem a equipe do CREFCON como pode ser proposto pela própria unidade escolar, de utilizar esse espaço do CREFCON também para essa formação. Às vezes você tem uma demanda que é muito específica de cada unidade. Tentando fazer uma contextualização do trabalho que a gente faz, pois senão vira só discurso.

12- E como está sendo pensada a nova proposta curricular?

(Késia) A nova proposta curricular está sendo pensada desde o final do primeiro semestre de 2007. Desde julho de 2007 começamos a elaboração da proposta curricular, pra rede, que era uma demanda que a Secretaria de Educação tinha solicitado para a equipe, fazer uma análise do que existia, e de uma nova grade curricular para a educação. Foi feito uma plenária de aprovação junto às unidades escolares, nosso grupo montou, mandamos pra escolas, as escolas fizeram as avaliações, nós retornamos, fizemos uma relaboração, nós voltamos a fazer plenárias com as escolas para aprovação dos professores, e mandamos para a Secretaria de Educação depois disso. Agora foi nos solicitado um novo envio e a gente ta enviando novamente, a gente está na parte de avaliação das escolas para ver se o documento consegue sair no 2º semestre. Uma proposta curricular para toda a rede sabendo que essa proposta curricular, é uma proposta que vai estar norteando todas as unidades escolares, mas há uma adequação que cada unidade precisa fazer por conta de cada metodologia que cada unidade vai usar.

13- Pra você, o que seria Formação continuada?

(Késia) Formação continuada para mim é uma busca permanente de construção e reconstrução de suas verdades, de seus conhecimentos, poder possibilitar a você e ao outro uma mudança de lugar. É você sair do que você tem estabelecido como senso comum, sair do que você estabeleceu como verdade verdadeira. Saber que outros conhecimentos são possíveis, outras construções são possíveis e até revalidar a sua própria verdade. Para mim formação continuada é isso uma busca permanente do próprio ser humano. Como nos diz Paulo Freire “somos seres inacabados”.

(Ana Beatriz) A Késia já respondeu o que seria formação continuada, eu só queria complementar, eu acho que trabalhar com formação continuada, é promover a construção da troca de conhecimento. E quando se fala em estar promovendo um curso de formação continuada, a formação continuada é para todos que estão ali, inclusive você. (Késia) Porque é no contato com o outro que você se constrói e que você se vê como humano. Quando você fala em estar formando continuamente é entender que essa formação é sua também. (Ana Beatriz) Uma característica da equipe do CREFCON é que a gente se coloca como mediadora, de um diálogo de uma construção de um currículo. Temos que nos ver como um ser construindo um conhecimento com outras pessoas. É uma relação que se estabelece, que você constrói o seu conhecimento e o outro constrói a partir dessa relação. (Késia) Então na realidade o objetivo do curso, seria possibilitar essa troca, esse contato com novas tecnologias, esse refazer dessa ação que você tem cotidianamente principalmente quando se fala em curso voltado para os professores da educação infantil. A gente não busca que o professor saia daqui com as respostas, mas sim com mais dúvidas do que quando eles entraram, não em cima daquelas que eles tinham, mas em novas que foram construídas.

Ana Beatriz: pedagoga, especializada em psicopedagogia clínica, psicopedagogia institucional e neuro psicopedagogia mestrado em ciências médicas.

Késia da Almeida: mestranda, pedagoga, tem especialização em educação e trabalho, e mestranda em políticas públicas e formação humana.

Késia está no CREFCON desde 2006... Ana Beatriz desde 2005.

## **RECURSOS HUMANOS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SG (RAQUEL COORDENADORA PEDAGÓGICA DO 2º SEGMENTO)**

1- O que a Secretaria de Educação pensa a respeito da formação continuada?

A secretaria tende a ver a formação continuada com os melhores olhos possíveis, pois ela consta na lei federal. A Secretaria pensa na melhoria e na qualidade de ensino da educação oferecida na rede. O foco é o professor para que ele possa olhar e dar uma melhor educação para o seu aluno. Os cursos são sempre oferecidos antes de começar o ano letivo. Neste ano temos uma média de 30 cursos oferecidos pela Secretaria.

2- Quem era o secretário da educação quando foi pensado o CREFCON?

O Secretário de Educação na época era o professor Eugênio. Ele criou a documentação necessária para que o CREFCON pudesse ser implementado legalmente.

3- Qual a relação do CREFCON com a Secretaria de Educação?

A relação é a melhor possível, o CREFCON é um órgão da Secretaria de Educação, a sua mudança do prédio anexo da prefeitura foi por isso, para que a Secretaria e o CREFCON pudessem trabalhar em conjunto.

4- Porque o CREFCON ficou responsável pela formação continuada dos professores da rede municipal?

O CREFCON é um órgão da Secretaria, ele não atua sozinho. Ele foi criado pela prefeita Aparecida, pois o município tinha que oferecer uma formação continuada para os seus professores. Então alguns professores da rede e da Secretaria de Educação foram para o prédio em Neves para implementar o Centro de referência, lá eram oferecidos cursos também, mas não é só o CREFCON que oferece os cursos, a Secretaria também oferece alguns cursos.

5- Qual documento legaliza o CREFCON como responsável pela formação continuada?

O Ato de Criação está pronto, já está no conselho de educação, só falta ser viabilizado.

6- Desde quando existe o CREFCON?

O CREFCON existe desde 2005, saiu do prédio de Neves porque era um espaço do Estado, e o Estado pediu de volta para colocar a FAETEC lá. Então o CREFCON foi para o prédio que é o Anexo da prefeitura, e agora está aqui no prédio da Secretária de Educação. Foi uma maneira de o CREFCON ficar mais próximo da Secretaria de Educação. O CREFCON é o 1º Centro de Referência do Leste Fluminense

7- Como os professores ficam sabendo dos cursos oferecidos?

Vão alguns informativos para as escolas avisando sobre os cursos, tanto os cursos feitos pela Secretaria como os do CREFCON, disponibilizamos também ofícios, ligamos avisando. Todos os professores fazem à capacitação, tem cursos de manhã e a tarde, assim o professor tem a chance de fazer algum curso, seja de manhã ou de tarde.

8- Como a Secretaria fica sabendo das necessidades dos professores?

São feitas entrevistas. Cada coordenadora escolar faz uma entrevista sobre a necessidade com as coordenadoras pedagógicas das escolas, e elas dizem a necessidade de seus professores, pois aqui cada uma fica responsável por uma área. Eu fico na coordenação do 2º segmento, a Eliane fica pelo EJA, e temos a autonomia para planejar um curso e oferecer aos professores da rede.

**SEPE – YARA, PROFESSORA DO 1º SEGMENTO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL HÁ 18 ANOS E 6 ANOS COMO DIRETORA DO SEPE**

1- O que vocês acham da formação continuada oferecida para os professores do município?

Na realidade, o que a gente tem visto e acompanhado é que essa formação não acontece. Ela acontece pontualmente a cada inicio de ano como aperfeiçoamento num local inadequado, como é o caso da formação que aconteceu nesse inicio de ano no centro de estudo lá no CREFCON. Vemos que ele está itinerante. Isso mostra bem como tem sido tratado a formação de professores do município, que efetivamente não esta acontecendo. Na realidade, ele não esta sendo usado com a finalidade dele, que é a formação dos professores que é muito importante e necessário. Mas que a rede acaba não fazendo devidamente porque a formação de professores não pode ser só aperfeiçoamento a cada inicio de ano, a formação dos profissionais a educação como um todo tem que se dá de forma muito mais efetiva que isso.

2- O que é formação continuada?

Eu acho que a formação continuada não se dá só quando você ta num curso específico, mas as próprias reuniões pedagógicas da escola se elas acontecessem efetivamente. Se a gente tivesse uma estrutura melhor, a discussão da nossa prática em sala de aula com certeza acrescentaria muito aos professores, mas a corrida é tão grande e as reuniões pedagógicas acabam sendo tão dispersas que infelizmente né ... Hoje a gente não tem supervisor, a gente não tem a figura do orientador pedagógico que é uma função pro pedagogo e na rede a gente tem um orientador educacional, mas ele acaba sendo um polarizador dos problemas dos alunos e não da busca de soluções coletivas. Porque na realidade hoje a questão da disciplina, a questão da aprendizagem está todo no contexto que a gente tem dentro da escola. As reuniões pedagógicas deviam estar discutindo isso quando não discute, então a gente acaba só ficando nesse circulo. O orientador pedagógico não existe na rede, essa figura né, como concursado, o orientador educacional existe na rede, mas é pouco para o número de alunos que a gente tem nas escolas, e ele acaba sendo uma figura para atender individualmente o problema de cada um.

3- O SEPE concorda com a formação continuada que é dada pela Secretaria? Se pudesse mudar, mudaria em que?

Na realidade, já que está municipalizado o CIEP que a prefeitura não tem como custear, o Estado, os CIEPs o custo de manutenção é muito grande e isso é dito e repetido pela própria Secretaria de educação. Se eu pudesse mudar alguma coisa eu queria que a formação continuada dos profissionais da educação da rede acontecesse verdadeiramente e não esses cursinhos e palestras a cada inicio de ano. Por que a gente sabe que não é isso que vai formar o professor efetivamente, se eu pudesse mudar alguma coisa. E a luta que o sindicato faz com cobranças, com tudo é para que isso se modifique.

4- Quando houve a implementação do CREFCON, vocês ficaram a par?

Na realidade houve uma grande propaganda dizendo que o CREFCON seria o Centro de Formação coisa que a gente não vê acontecer. E ai ele está lá um elefante branco, não devia, a gente tem não só o CREFCON. Você desloca um grupo de alunos do lugar, e a gente tem uma universidade pública no nosso município que seria de grande ajuda, e com certeza a universidade não se negaria a fazer essa formação, até porque muitos professores da rede estão lá dentro da universidade. Mas se houvesse mais incentivos para a universidade e para os próprios alunos a formação seria muito melhor.

5- Como professora da rede, já fez algum curso oferecido pelo CREFCON?

Não.

6- Mas por opção sua, ou por não ter conhecimento?

Se acontece algum curso lá não é divulgado suficiente, o local até por não ser no centro. Apesar de ser um local que tem passagem de ônibus ele não é no centro isso dificulta pra gente que trabalha em outra rede, então eu nunca fui ao curso do CREFCON.

7- Você sabe que o CREFCON não está mais no prédio em neves...

Ai já mostra o absurdo e a falta de compromisso do município com os professores da rede.

8- Os cursos de fevereiro foram todos no prédio da Secretaria de Educação?

Não, eles foram em vários lugares. Um foi na biblioteca sobre legislação, não existia estrutura nenhuma para dar o curso, a professora com um lap top com mais de 30 pessoas dentro da sala, quer dizer, como que você vê alguma coisa na tela desse jeito? É impossível. Teve um outro curso que inclusive a Mônica fez, foi dado pela professora Enriete, um curso que falava sobre educação física, o curso estava marcado para as 8 e começou quase as 9 da manhã, lá dentro da SEMED. Assim esses cursos que acontecem acabam sendo muito desorganizados porque as pessoas não tem referencia e nem lugar.

9- Acabando tirando o espaço do aluno, que estão lá para estudar...

O que aconteceu no CREFCON, lá tinha o GP Willian Brantes que era .. e a prefeitura diz não poder...que está com esses CIEPs, mas não pode custear a manutenção porque é muito caro.

## ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL

**Nome: Maria Simões Filenes de Souza**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

Nove anos

2- Qual a sua formação?

Superior completo e pós-graduada em gestão escolar.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Através da coordenação da escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Para o crescimento de minha formação.

5- Além dele, faz outros cursos?

Sim

6- Pra você, o que é Formação Continuada?

São encontros com profissionais de determinadas áreas da educação que tem como objetivo capacitar os professores da rede.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

As vantagens: O que se consegue passar são muito proveitosos na prática do professor.

As desvantagens: Nunca se consegue passar a proposta na íntegra.

8- O que você acha do CREFCON?

Poderia ser usada de forma a ajudar mais o professor na sua prática diária. Os cursos são muitos superficiais, e quase sempre não atinge os profissionais interessados.

**Nome: Selma Bahia de Souza**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

Sete anos

2- Qual a sua formação?

Graduada e pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Tive conhecimento através da escola onde trabalho, por serem oferecidos pela prefeitura.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Para melhorar meus conhecimentos procurei buscar no CREFCON algo para acrescentar o meu currículo.

5- Além dele, faz outros cursos?

No momento faço curso para concurso (Português e matemática).

6- Pra você, o que é Formação Continuada?

É uma maneira de melhorar o profissional, pois com capacitação ele poderá trabalhar melhor.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

As vantagens são obter novos conhecimentos e aprimorar com a capacitação. As desvantagens seriam o tempo para fazer os cursos que os professores não tem, pois geralmente os cursos são oferecidos em horários que não podemos participar.

8- O que você acha do CREFCON?

Ter um lugar para fazer curso é bom, mas precisa ser revista a questão do tipo de qualificação que deve ser melhor.

**Nome: Patrícia Mathias Oliveira do Espírito Santo**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

4 anos e 10 meses

2- Qual a sua formação?

Superior: licenciatura em matemática. Médio: normal

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Na escola que leciono.

4 – Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Pelo tema do curso e pela carga horária.

5-Além dele, faz outros cursos?

Não.

6- Pra você, o que é formação continuada?

Como o nome já diz deve continuar, pois a caminhada pelo saber e a melhora do ensino não tem fim.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

Com a vida corrida que temos fica difícil encontrar tempo para cursá-la. E a vantagem é que quanto mais aprendemos, mais o ensino melhora, à medida que melhoramos.

8-O que você acha do CREFCON?

Acho importante ter um lugar específico para o ensino, ou seja, a formação continuada. Só não acho a localização muito boa.

**Nome: Aliane Rodrigues de Souza**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

Atuo como professora na rede municipal há 4 anos.

2- Qual a sua formação?

Sou especialista em avaliação escolar pela UERJ e graduada em pedagogia pela UFF.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Através dos informes da escola em que atuo.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?  
Para aprimorar os meus conhecimentos na área da educação.

5- Além deles, faz outros cursos:?  
Atualmente faço curso de extensão em informática educativa – CEDERJ e o curso de Pró-letramento – SEMED/MEC.

6- Pra você, o que é formação continuada?  
Na minha opinião seria programa de ações diversificadas, atendendo aos anseios dos educadores escolares e as exigências do mundo moderno.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?  
Vantagens: aprimoramento dos conhecimentos. Desvantagens: na maioria das vezes, o horário da formação coincide com o horário do trabalho.

8- O que você acha do CREFCON?  
É interessante termos um centro de formação continuada em nosso município. No entanto é preciso repensar a questão do tempo dos professores para estarem participando da formação e também uma melhor qualidade nos cursos oferecidos.

**Nome: Roseli Nunes do Nascimento**

1- Quanto tempo está na rede municipal?  
4 Anos

2- Qual a sua formação?  
Terceiro grau completo em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?  
Através da escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CERFCO?  
Porque entendo que enquanto educadora precisamos estar atenta as novas mudanças.

5- Além dele, faz outros cursos?  
Terminei em 7/2 um curso chamado jogos e sucatas pela faculdade Simousem.

6- Pra você, o que é formação continuada?  
Um curso que visa estar capacitando os profissionais.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?  
Vantagens para uma melhor atuação não vejo desvantagens uma vez que o profissional está se atualizando.

8- O que você acha do CREFCON?  
Acho que precisa de melhorias em sua estruturas, colocando cursos em horários do próprio trabalho já que o mesmo não oferece neste moldes.

**Nome: Maria de Fátima A. Barbosa**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

Sete anos

2- Qual a sua formação?

Curso superior de pedagogia

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Através de planfetos aqui na escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Ultimamente não tenho feito nenhum curso no CREFCON.

5- Além dele, faz outros cursos?

Sim.

6- Pra você, o que é formação continuada?

São cursos oferecidos aos professores para que possam aprimorar seus conhecimentos.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

Vantagens: melhorar as condições de trabalho do professor. desvantagens: os cursos são oferecidos em horários que não podemos participar.

8- O que você acha do CREFCON?

Bom.

**Nome: Angélica Cardoso Cavalcante**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

São Gonçalo onze anos e em Niterói há sete.

2- Qual a sua formação?

Letras (português/literatura) pedagogia magistério.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Pela divulgação feita na escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Não procurei, como outros professores fui solicitada a fazer alguns cursos no início do ano letivo, dentro do meu horário de trabalho.

5- Além dele, faz outros cursos?

Não.

6- Pra você, o que é formação continuada?

Como o próprio nome indica, seria a capacitação profissional em caráter permanente, constante.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

A principal vantagem, caso os cursos fossem qualitativos e freqüentes, seria o aprimoramento profissional constante e a troca de experiência entre os educadores. A desvantagem é que os cursos são oferecidos fora do nosso horário e coincidem com outras ocupações.

8- O que você acha do CREFCON?

Talvez, por falta de sorte, não seria possível apreciar a maioria dos cursos oferecidos pelo CREFCON, falta principalmente estrutura.

**Nome: Maria Cristina Babo da Silva Bahia**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

10 anos.

2- Qual a sua formação?

Graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Através da escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

O CREFCON ofereceu cursos de reciclagem aos profissionais da educação infantil.

5- Além dele, faz outros cursos?

Sim, atualização do novo acordo ortográfico.

6- Pra você, o que é formação continuada?

É estar sempre pesquisando se atualizando. É a oportunidade de não se alienar aos novos conhecimentos promovidos pela educação.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

Como foi mencionado acima as vantagens seriam o não alienamento as mudanças educacionais. As desvantagens quando não são imposta tais mudanças.

8- O que você acha do CREFCON?

Oferece cursos bons, mas não há uma estrutura física para atender a todos os profissionais da educação.

**Nome: Marilene Rocha de Souza Peixoto**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

18 anos

2- Qual a sua formação?

Graduação em letras e pós-graduação em gestão escolar.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Tive conhecimento de cursos oferecidos pelo CREFCON através de colegas de trabalho e coordenadores da escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

A coordenação, algumas vezes, informa os cursos oferecidos pelo CREFCON mas raramente podemos fazer pois não somos dispensados.

5- Além dele, faz outros cursos?

Atualmente só faço cursos realizados na escola onde trabalho.

6- Pra você, o que é formação continuada?

A formação continuada é um recurso que o professor tem de continuar se atualizando na sua profissão.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

As vantagens são muitas, pois os professores têm a chance de se aperfeiçoarem e estarem sempre em contato com novas experiências e as desvantagens infelizmente também existem, pois muitas vezes os cursos oferecidos são de baixa qualidade não atendendo nossas expectativas.

8- O que você acha do CREFCON?

Acho uma ótima opção para quem tem disponibilidade para fazer os cursos oferecidos, porém acho sua localização muito distante para muitos profissionais da rede, ele deveria estar localizado no centro da cidade.

**Nome: Aline Borges**

1- Quanto tempo está na rede municipal?

4 anos.

2- Qual é a sua formação?

Segundo período de pedagogia.

3- Como teve conhecimento dos cursos oferecidos pelo CREFCON?

Através da minha escola.

4- Porque procurou os cursos oferecidos pelo CREFCON?

Para crescer mais profissionalmente.

5- Além dele, faz outros cursos?

Não.

6- Pra você, o que é formação continuada?

É a oportunidade de estar sempre em reciclagem para oferecer o melhor de mim ao meu aluno.

7- Quais seriam as vantagens e as desvantagens dela?

A vantagem é de estar sempre em contato com novas técnicas, não havendo para mim desvantagens.

8- O que você acha do CREFCON?

Poderia ser melhor.